

# SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 3

REVISTA ELETRÔNICA DA AGÊNCIA DE INFORMAÇÕES DOS EUA

NÚMERO 2

*Os*  
**ESTADOS UNIDOS:  
UMA  
~  
NAÇÃO DE  
VOLUNTÁRIOS**



SERVIÇOS PRESTADOS AO PAÍS

GOVERNO

COMUNIDADE EMPRESARIAL DOS EUA

ÁREA DE EDUCAÇÃO

COMUNIDADE RELIGIOSA

— SETEMBRO DE 1998 —

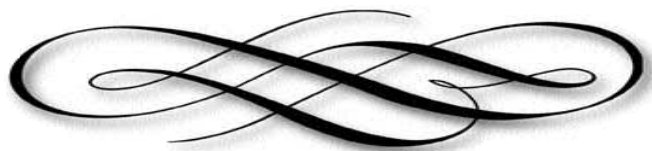
# DOS EDITORES

## OS ESTADOS UNIDOS: UMA NAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS

*T*odos os dias, em todas as partes dos Estados Unidos, inúmeros indivíduos de todas as profissões - individualmente ou em grupos - passam horas trabalhando para servir outras pessoas.

Por que será que uma pessoa vai gastar o seu tempo ajudando alguém que não conhece, seja perto ou longe do seu lar? Não existem respostas fáceis. O trabalho voluntário é, para alguns, uma forma de retribuir algum benefício que se tenha recebido da comunidade. Para outros é uma experiência indescritível, que faz com que o voluntário "se sinta bem." E ainda, para outros, pode ser uma experiência que transforma a o indivíduo - mudando a perspectiva que se tem das pessoas, da comunidade e da sociedade, e definindo a objetivo que se tem na vida.

A série de artigos nessa revista apresentará aos leitores, primeiramente, o crescente papel dos voluntários nos Estados Unidos atualmente, e a variedade existente de iniciativas - por exemplo, na comunidade empresarial dos EUA, nos setores educacional e religioso, e nos vários níveis de governo. Apresentamos visões gerais e reflexões pessoais. Os leitores que desejarem se aprofundar mais no assunto encontrarão instruções sobre como acessar fontes, que por sua vez, proporcionarão uma exploração mais intensa.



# SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

Revista Eletrônica da Agência de Informações dos Estados Unidos  
VOL.3 / BUREAU DE INFORMAÇÃO / AGÊNCIA DE INFORMAÇÕES DOS EUA / No. 2  
ejvalues@usia.gov



SETEMBRO DE 1998

## ÍNDICE

OS ESTADOS UNIDOS: UMA NAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS

---

### ÊNFASE

6

#### **ESTIMULANDO A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PELOS CIDADÃOS**

*Bill Clinton*

O presidente Clinton reflete sobre o impacto dos voluntários em uma ampla faixa da sociedade dos Estados Unidos, tanto por meio dos serviços prestados ao país quanto por meio do comprometimento individual.

8

#### **SERVIÇO NACIONAL: FAZENDO COISAS PELA AMÉRICA**

*Harris Wofford*

O diretor da Corporation for National Service – que engloba as seguintes organizações: AmeriCorps, Learn & Serve America, Senior Corps, e America Reads – fala sobre as realizações e os contínuos desafios que são a missão da sua organização.

### COMENTÁRIO

12

#### **O ESPÍRITO VOLUNTÁRIO DA AMÉRICA**

*Brian O'Connell*

Nesta visão geral das raízes do trabalho voluntário nos Estados Unidos, o presidente e fundador da Independent Sector, uma organização de voluntários de âmbito nacional avalia a situação da participação dos cidadãos, em contraste com um amplo cenário histórico.

17

#### **OS MELHORES ANOS DE NOSSAS VIDAS**

*Jimmy Carter*

O ex-presidente dos Estados Unidos tem passado a maior parte do seu tempo após o encerramento do seu mandato em 1981 como um atuante voluntário e planejador. Ele faz algumas reflexões sobre a gratificação pessoal que obteve por ter ajudado em muitos projetos e sobre como o trabalho voluntário mudou a sua perspectiva do mundo.

19

#### **O TRABALHO VOLUNTÁRIO E O SETOR GOVERNAMENTAL**

*Susan J. Ellis*

A autora revela as muitas maneiras pelas quais os cidadãos dos Estados Unidos trabalham como voluntários nos vários níveis de governo – federal, regional e local – e também enfatiza o papel das autoridades governamentais no setor privado. Ellis preside a Energize, Inc., uma empresa de treinamento, consultoria, e editora, baseada na Filadélfia, e especializada em trabalho voluntário.

---

## **25** **ENCONTRANDO TEMPO**

*Gene Rose*

O autor descreve rapidamente os legisladores estaduais e os funcionários dos seus gabinetes em funções incomuns – como voluntários – que eles desempenham sem muito alarde mas com grande satisfação.

## **29** **O TRABALHO VOLUNTÁRIO E A COMUNIDADE EMPRESARIAL DOS ESTADOS UNIDOS**

*Betty B. Stallings*

Neste artigo, a autora discute a posição dos voluntários na comunidade empresarial

## **34** **ESCOLAS, UNIVERSIDADES E TRABALHO VOLUNTÁRIO**

*Terry Pickeral*

O autor, perito em aprendizado de serviços e consultor em questões educacionais, analisa o que o trabalho voluntário denota em vários níveis educacionais, desde a escola primária até o setor universitário.

## **38** **O AMOR PELA LEITURA UNE PARLAMENTARES E ESTUDANTES**

*Kathleen Kennedy Manzo*

Os senadores dos Estados Unidos e os funcionários dos seus gabinetes estão acrescentando uma nova dimensão à sua rotina de trabalho, através da participação em um programa de leitura nas escolas primárias do Distrito de Colúmbia, a uma distância não muito grande da Colina do Capitólio. A autora discute os benefícios que ambas as partes têm em função desta atividade.

## **40** **O TRABALHO VOLUNTÁRIO E A RELIGIÃO: UMA PERSPECTIVA DO MEIO-OESTE DOS ESTADOS UNIDOS**

*Paula Beugen e Jay Tcath*

Os voluntários atuam na linha de frente no setor religioso da vida americana. Neste artigo comissionado, os autores, que são trabalhadores comunitários profissionais, explicam a interação dos voluntários com as igrejas, sinagogas, e mesquitas em todo o país, observada do ponto de vista da sua própria comunidade – as cidades vizinhas (Twin Cities) de Minneapolis e St. Paul, Minnesota.

## **44** **O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CENA GLOBAL**

*Susan J. Ellis*

Ellis, que tem um papel importante em conferências internacionais sobre o trabalho voluntário, discute os esforços dos cidadãos dos Estados Unidos no contexto do que está acontecendo em outros países.

## **45** **VOZES DOS VOLUNTÁRIOS**

Homens e mulheres na linha de frente do trabalho voluntário descrevem rapidamente os seus sentimentos e as suas experiências.

## **47** **BIBLIOGRAFIA E SITES NA INTERNET**

---

# SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

---

Jornalista Responsável.....Rosemary Crockett  
Editor.....Craig Springer  
Editor Executivo.....Michael J. Bandler  
Editores Associados.....Guy Olson  
.....Rosalie Targonski  
Diretor de Arte/Programador Visual.....Thaddeus A. Miksinski, Jr.  
Assistente de Artes Gráficas.....Sylvia Scott  
Editor de Internet.....Wayne Hall  
Referência e Pesquisa.....Mary Ann V. Gamble  
.....Kathy Spiegel

Conselho Editorial

Howard Cincotta      Rosemary Crockett      John Davis Hamill

As revistas eletrônicas da USIA, publicadas e transmitidas para o mundo inteiro a cada três semanas, examinam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, e informam os públicos estrangeiros a respeito dos Estados Unidos. As revistas — PERSPECTIVAS ECONÔMICAS, QUESTÕES GLOBAIS, QUESTÕES DE DEMOCRACIA, AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA DOS EUA e SOCIEDADE E VALORES DOS EUA — apresentam análises, comentários, e informações de caráter geral a respeito de suas áreas temáticas. Todos os números aparecem em inglês, francês e espanhol, e alguns números também são publicados em árabe, português e russo.

As opiniões expressas nas revistas não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos. Por favor observe que o USIS não assume nenhuma responsabilidade pelo conteúdo e nem pela continuidade do acesso aos sites da Internet para os quais há links nesta publicação; tal responsabilidade é única e exclusivamente dos respectivos provedores. Os artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos a não ser que haja restrições de copyright mencionadas nos próprios artigos.

Números atuais ou atrasados das revistas podem ser encontrados na Home Page do Serviço de Informações dos Estados Unidos (USIS) na World Wide Web, no seguinte endereço: at <http://www.usia.gov/journals/journals.htm>. As revistas se encontram disponíveis em vários formatos eletrônicos para facilitar a visualização on-line, a transferência, o download e a impressão. Comentários são bem-vindos no seu escritório local da USIS ou na redação:

Editor, U.S. Society & Values  
Society and Values — 1/TSV 301 4th Street SW  
Washington, D.C. 20547  
United States of America

E-mail at: [ejvalues@usia.gov](mailto:ejvalues@usia.gov)

---

# ESTIMULANDO A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PELOS CIDADÃOS



**PRESIDENTE BILL CLINTON**

**P**restar serviços à própria comunidade faz parte do que significa ser americano. Os serviços prestados pelos cidadãos estão, também, no cerne dos nossos esforços para preparar os Estados Unidos para o século XXI, na medida que trabalhamos para assegurar que todos os americanos tenham a oportunidade de aproveitar suas vidas ao máximo e de ajudar os necessitados.

O AmeriCorps, o programa nacional de prestação de serviços que já deu a mais de 100.000 jovens a oportunidade de servir ao seu país, combinou oportunidade com responsabilidade. Em uma comunidade após outra, os membros do AmeriCorps provaram que o serviço pode nos ajudar a atender as nossas necessidades sociais mais prementes. Na verdade, observadores

independentes que avaliaram o AmeriCorps concluíram que o serviço ao país proporciona um retorno positivo do investimento.

No entanto, o serviço ao país nunca substituiu as muitas contribuições feitas por mais de 90 milhões de cidadãos em todos os Estados Unidos, que doam o seu tempo a causas dignas todos os anos. Na verdade, como os líderes de organizações voluntárias freqüentemente têm afirmado, o serviço ao país tem provado que a presença de participantes treinados, disponíveis em horário integral, aumenta enormemente a eficácia dos voluntários.

Os voluntários enriquecem nossas vidas todos os dias devido à sua generosidade e compaixão. Eles representam todas as setoras da

---

sociedade – do governo a todos os níveis da área de educação, da comunidade religiosa até o setor de assistência médica. Eles atendem aos muitos eventos imprevistos e às necessidades críticas persistentes. Eles reagem às dificuldades daqueles que sofrem devido às intempéries – em comunidades devastadas por deslizamentos de lama, tempestades no inverno, inundações ou tornados. Os voluntários abrem os seus

corações e lares para oferecer não apenas abrigo e alimento, porém o mais importante, a esperança e apoio de que as pessoas precisam desesperadamente para reconstruir suas vidas.

Este espírito de serviços prestados por cidadãos tem raízes fortes e profundas no passado da América. Ao alimentarmos esse espírito, podemos ajudar a garantir um futuro melhor para a nossa nação. ■

---

# SERVIÇO NACIONAL: FAZENDO COISAS PELA AMÉRICA

HARRIS WOFFORD

*"O SERVIÇO NACIONAL REPRESENTARÁ O QUE A AMÉRICA TEM DE MELHOR – A CONSTRUÇÃO DAS COMUNIDADES, A OFERTA DE OPORTUNIDADE E A RECOMPENSA PELA RESPONSABILIDADE. O SERVIÇO NACIONAL É UM DESAFIO PARA OS AMERICANOS DE TODAS AS ORIGENS E PROFISSÕES, E VALE MUITO MAIS DO QUE DINHEIRO. O SERVIÇO NACIONAL É NADA MENOS QUE O MODO AMERICANO DE MUDAR A AMÉRICA."*  
— PRESIDENTE BILL CLINTON, 1 DE MARÇO DE 1993

Com essas palavras, o presidente Clinton lançou a o AmeriCorps e a Corporation for National Service, dando início a um novo capítulo na longa tradição dos serviços prestados pelos cidadãos na América. Desde 1993, milhões de americanos têm participado de programas de serviço nacional, trazendo melhorias duradouras nas nossas comunidades e demonstrando que o serviço pode ser uma estratégia eficaz para a resolução de problemas.

Reconhecendo que a força da nossa nação depende de indivíduos que agem tendo como base o seu compromisso no sentido de ajudar os outros, o serviço nacional proporciona oportunidades para que todos os cidadãos façam a sua parte. Um número cada vez maior de americanos está se valendo dessas oportunidades, dando aulas particulares para crianças, orientando crianças, contribuindo para a segurança dos seus bairros, ajudando as comunidades a se recuperarem de catástrofes naturais, construindo residências através do programa Habitat for Humanity, restaurando parques e fazendo centenas de outras coisas para melhorar vidas e unir pessoas.

O aproveitamento do poder dos cidadãos para fazer as coisas será ainda mais importante ao entrarmos em um novo século cheio de desafios.

Não vamos mais esperar que o governo resolva a maior parte dos nossos problemas. Mas o fato de a estrutura governamental ter sido reduzida não significa que os nossos problemas vão desaparecer. Na verdade, muitos desses problemas -- do crime e as drogas até o analfabetismo e a situação dos sem-teto -- estão crescendo.

Para enfrentarmos esses desafios, precisamos dar vazão à maior força que o nosso país possui -- a energia e o idealismo do nosso povo. Se uma grande estrutura governamental não é a solução, precisamos de grandes cidadãos, que possam agir para resolver os problemas que crescem entre nós. Essa deve ser a nossa meta -- usar a massa crítica do poder civil e liberá-la para resolver nossos problemas mais prementes.

A Corporation for National Service -- por meio dos seus programas Learn & Serve America, Senior Corps e AmeriCorps -- está trabalhando em conjunto com milhares de parceiros do setor das entidades sem fins lucrativos para fortalecer o setor de trabalho voluntário e dar vazão ao poder dos cidadãos. Nossa meta é fazer com que a prestação de serviços seja um ritual de iniciação para cada jovem, uma parte rotineira da vida dos americanos de todas as idades

## A TRADIÇÃO AMERICANA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Naturalmente, a prestação de serviços pelos cidadãos não é novidade neste país. Viajando pelos Estados Unidos entre 1830 e 1840, Alexis de Tocqueville observou que os americanos não esperavam que o governo agisse para resolver um problema. Se fosse preciso construir uma escola, eles a construíam. Tocqueville ficou impressionado de ver que os americanos estavam constantemente formando grupos para atingir objetivos comuns, e até hoje nenhum outro país no mundo possui uma rede tão vasta de clubes, igrejas, e grupos cívicos, e associações de bairro.

Neste século, cada nova geração de americanos



enfrentou o desafio da prestação de serviços. Durante a Depressão, quatro milhões de jovens entraram para o Civilian Conservation Corps [Grupo Civil de Conservação], plantando árvores, restaurando parques, e construindo estradas, pontes e trilhas que até hoje usufruímos. Na década de 1940 a 50, a GI Bill (Lei do Ex-Combatente) uniu a prestação de serviços às oportunidades de educação pela primeira vez, quando uma nação agradecida recompensou os ex-combatentes que voltavam da Segunda Guerra Mundial com verbas para seus estudos.

Para a geração que se seguiu, o chamado para a prestação de serviços veio do presidente John F. Kennedy, que lançou o Corpo da Paz [Peace Corps] em 1961. “Não pergunte o que o seu país pode fazer por você”, o presidente Kennedy declarou. “Pergunte o que você pode fazer pelo seu país.” Desde então, mais de 140.000 voluntários do Corpo da Paz têm viajado para os cantos mais pobres do mundo, construindo escolas, ajudando agricultores, cuidado dos doentes e construindo uma comunidade global.

Na década de 1960 a 1970, surgiu também a organização Voluntários Para Servir a América [Volunteers in Service to America], ou VISTA. Durante mais de 30 anos, a VISTA tem ajudado as comunidades de baixa renda a se ajudarem. Em conjunto com a VISTA, uma grande variedade de programas de prestação de serviços começou a surgir da base da sociedade: grupos de conservação, grupos de jovens urbanos, e oportunidades de prestação de serviços criadas por escolas de segundo grau e universidades, empresas, igrejas e organizações cívicas.

A mais nova organização desse movimento de prestação de serviços é o AmeriCorps, criado pelo Congresso e pelo presidente Clinton em 1993. A criação do AmeriCorps se baseia na primeira Lei de Serviço Nacional [National Service Act], aprovada pelo presidente George Bush em 1990.

Desde 1993, quase 100.000 jovens já prestaram serviços junto ao AmeriCorps, ajudando a resolver problemas na educação, segurança pública, no meio ambiente, e questões humanas. Somente neste ano, mais de 40.000 membros servirão em mais de 1.200 comunidades. Por um ano de serviço em tempo integral, os membros do AmeriCorps recebem uma ajuda de custo e US\$4,725 que podem ser usados para pagar seus estudos na universidade ou empréstimos contraídos para esse fim. .

#### UM ENFOQUE NOS RESULTADOS

O lema do AmeriCorps é “fazer as coisas” e esse enfoque em resultados tem-se feito notar de muitas maneiras. Em um ano, os membros do

AmeriCorps deram aulas, em grupo ou particulares, para 500.000 alunos, orientaram outros 95.000, recrutaram 39.000 novos voluntários, imunizaram 64.000 crianças, ajudaram em situações de calamidade pública em mais de 30 estados, trabalharam em conjunto com mais de 3.000 patrulhas de segurança, órgãos de segurança e grupos civis locais, treinaram 100.000 pessoas em práticas de prevenção da violência, construíram ou reformaram 5.000 residências, ajudaram a encontrar lares permanentes para 32.000 sem-teto, trabalharam com pessoas com AIDS e outras doenças graves, e executaram uma grande variedade de projetos ambientais.

Uma parte essencial da história do AmeriCorps é a maneira pela qual a prestação de serviços em tempo integral expande o trabalho voluntário tradicional. As maiores organizações americanas de trabalho voluntário -- incluindo Big Brothers/Big Sisters, United Way, YMCA e American Red Cross -- envolvem e utilizam os membros do AmeriCorps. Elas viram como os membros do AmeriCorps os ajudam a fazer mais coisas, a recrutar mais voluntários e a usar os voluntários de maneira mais eficaz. Os estudos têm demonstrado que cada membro do AmeriCorps, em média, traz cerca de 12 outros voluntários para a comunidade.

Os membros do AmeriCorps sentem um profundo orgulho por estarem envolvidos com as suas comunidades e resolvendo problemas que eles não sabiam que poderiam resolver. Pergunte a Michelle Harvey, cuja equipe do AmeriCorps em Kansas City ajudou a fechar 44 pontos de venda de crack e a manter o bairro livre de traficantes de drogas. Ou Sean Whitten, que usou o seu treinamento do AmeriCorps para resgatar uma jovem que ficou perdida durante dois dias nas montanhas geladas do Tennessee.

O AmeriCorps é apenas uma entre uma grande família de programas administrados pela Corporation for National Service. Essa família inclui mais de 450.000 americanos mais velhos que participam de três programas do Senior Corps -- Foster Grandparents, Senior Companions e RSVP. Atualmente, os Estados Unidos possuem o maior grupo de idosos, que cresce mais rapidamente, e que possui mais escolaridade, de toda a história do país. Precisamos fazer muito mais, para aproveitarmos o potencial de mais de 50 milhões de idosos, que contribuem com uma vida inteira de habilidade e experiência como pais, trabalhadores, e cidadãos.

A outra grande massa de talento que está à espera da sua vez de ser utilizada é a população de 50 milhões de jovens que estão nas nossas escolas, faculdades e universidades. Através da Learn &

Serve America, estamos proporcionando oportunidades para que quase um milhão de estudantes da pré-escola até a universidade atendam as necessidades da comunidade e ao mesmo tempo aperfeiçoem suas habilidades acadêmicas e adquiram hábitos de boa cidadania. Este programa ajuda os professores a integrar o serviço comunitário ao currículo, um método de treinamento conhecido como aprendizado no serviço. Ao prestar serviços, os alunos desenvolvem o trabalho de equipe, auto-disciplina e iniciativa – habilidades que os ajudam a se tornarem trabalhadores mais produtivos e cidadãos mais responsáveis.

O serviço nacional em todas as suas formas está ajudando a atingir uma meta essencial na educação, em âmbito nacional. Na iniciativa America Reads, o presidente Clinton lançou um desafio para que as escolas e comunidades garantam que toda criança americana saiba ler ao chegar ao fim da terceira série do ensino fundamental. O presidente pediu a um exército de cidadãos voluntários – que dão aulas particulares – que trabalhem em programas locais de aulas de reforço de leitura, durante ou após o horário normal de funcionamento das escolas, para proporcionar uma ajuda extra aos milhões de crianças cujo desempenho em leitura está deficiente. Ele também pediu que um número maior de membros do AmeriCorps e alunos voluntários do último ano da universidade organize e amplie os programas de aulas particulares e dêem, eles mesmos, aulas particulares. O Congresso liberou um volume significativo de novas verbas para essa expansão.

#### AJUDA PARA CRIANÇAS

O campo que mais necessita da energia dos voluntários nos Estados Unidos é a área dos cuidados e orientação - e educação - dos nossos jovens. Os jovens de hoje estão expostos a riscos que nossos pais e avós desconheciam, da AIDS à facilidade de acesso a armas e drogas. Uma entre cada quatro crianças é vítima de violência ou abuso. Uma em cada cinco vive abaixo da linha de pobreza. Embora as taxas de criminalidade, em geral, tenham sido reduzidas, o número de crimes cometidos por delinqüentes juvenis está aumentando – especialmente os crimes violentos.

A mobilização de voluntários e de outros setores da sociedade para ajudar as crianças dos Estados Unidos a serem bem-sucedidas foi a idéia-chave por trás da Cúpula Para o Futuro da América, convocada

pelos presidentes, [Presidents' Summit for America's Future], e realizada em Filadélfia, em abril de 1997. Com a liderança do presidente Clinton e do ex-presidente Bush, outros ex-presidentes, o general Colin Powell, 37 governadores e outras lideranças da comunidade empresarial, do governo e do setor de entidades sem fins lucrativos, a Cúpula defendia uma nova era de ação por parte dos cidadãos nos Estados Unidos, para virar a maré para milhões de crianças que estão se encaminhando a um desastre.

A campanha lançada em Filadélfia -- America's Promise, the Alliance for Youth [a Promessa da América a Aliança Pela Juventude] -- já está em andamento, liderada pelo general Powell, com o apoio de todos os ex-presidentes vivos. O objetivo da America's Promise é proporcionar, para cada jovem nos Estados Unidos, os cinco recursos necessários para o sucesso: um adulto que se importa (um mentor, um tutor, um instrutor); lugares seguros para aprender e crescer; um início sadio; uma educação eficaz que assegure a capacidade de ler e que proporcione capacitação profissional que possa ser útil no mercado de trabalho; e uma oportunidade para que todos os jovens possam dar algo de si à sociedade, em retribuição, prestando serviços.

A Corporation for National Service, com muito orgulho, lançou e foi co-patrocinadora da Cúpula em parceria com a Points of Light Foundation [Fundação Pontos de Luz], e permanecerá na linha de frente desta campanha nacional. Desde a Cúpula, a Corporation acrescentou quase 9.000 novos membros à AmeriCorps, com o patrocínio de organizações comunitárias e religiosas, ajudou a recrutar 1.000 faculdades e universidades para enviar estudantes – participantes de programas de trabalho – para dar aulas de reforço a alunos dos estabelecimentos de ensino fundamental e lançou o programa Seniors in Schools com 700 voluntários idosos em nove cidades.

Além de servir melhor à juventude, a Cúpula também lançou uma estratégia para envolver mais jovens para que eles mesmos prestem serviços. Martin Luther King, Jr., disse, “Todos podem ser grandes porque todos podem servir.” Todos os jovens americanos devem ter uma chance de se verem – e de serem vistos – como líderes e recursos, e não como problemas ou vítimas.

George Romney, ex-governador de Michigan, que sonhou com essa cúpula e trabalhou até a morte para que ela fosse realizada, disse uma vez, que não há almoço grátis quando se trata de trabalho voluntário. O trabalho voluntário exige organização, tempo e recursos de todos os setores – público, privado, e das entidades fins lucrativos. Assim como nós investimos em pontes para que nossa economia

---

se mantenha forte, devemos também investir na prestação de serviços e no trabalho voluntário para que a nossa democracia se mantenha forte. Para que as comunidades sejam saudáveis, elas precisam de cidadãos bem informados e ativos.

O coração secreto dos Estados Unidos e o segredo do nosso sucesso sempre foi a nossa crença de que podemos mudar as coisas, podemos melhorar as coisas, e que trabalhando juntos podemos resolver os nossos problemas mais difíceis. Ao entrarmos em um novo século e em uma nova era de governo limitado, essa idéia – e a maneira pela qual a colocaremos em prática -- terá uma importância nunca antes imaginada. ■

---

*Harris Wofford, ex-senador da Pensilvânia, é o principal executivo da Corporation for National Service.*

---

# O ESPÍRITO VOLUNTÁRIO DA AMÉRICA

BRIAN O'CONNELL

*"... A iniciativa voluntária ajudou a dar à América o seu caráter nacional..."*

— Merle Curti, historiadora, ganhadora do prêmio Pulitzer

**A** pergunta que se faz é a seguinte: ainda existe um espírito cívico nos Estados Unidos?

Há uma percepção geral de que, em épocas passadas, os americanos tinham muito mais disposição do que hoje para se ajudarem mutuamente e para se envolverem em causas e questões públicas. Parece um fato consumado para alguns, que, como sociedade, nós nos importamos muito menos com os outros e que devemos nos preocupar com o que aconteceu com todo aquele espírito de boa vizinhança, espírito público e caridade.

Na verdade, o passado não chegava a ser tão bom quanto a lembrança indica e o presente é muito melhor do que se percebe. Uma proporção muito maior, e muito mais partes da nossa população estão envolvidas em atividades comunitárias hoje do que em qualquer outra época da nossa história.

Atualmente, cinquenta por cento de todos os americanos são voluntários atuantes. Trata-se de um número impressionante – cem milhões de pessoas – ou um entre cada dois de nós com mais de 13 anos de idade. E dedicamos, em média, quatro horas por semana às causas de nossa preferência. A base de participação também está se expandindo. Há mais jovens, mais homens e mais idosos.

Nós nos organizamos para servir a todas os aspectos possíveis da condição humana e estamos dispostos a nos unir para tratar de qualquer questão pública. Nós nos unimos para lutar contra mudanças de zoneamento, aprovar a emissão de títulos, melhorar a coleta de lixo, denunciar preços abusivos, fazer com que a igualdade de direitos seja respeitada ou protestar contra guerras. Muito recentemente conseguimos nos organizar, com resultados favoráveis, para tratar dos direitos das mulheres, conservação e preservação, dificuldades de aprendizado, resolução de conflitos, cultura e direitos dos hispânicos, os idosos, o alistamento de eleitores, o meio ambiente, os americanos nativos (índios), os doentes terminais, o teatro experimental, a compreensão entre as nações, o controle populacional, a atribuição de poderes aos bairros, o controle da energia nuclear, o consumismo e muitas outras coisas. Os interesses dos voluntários e o impacto se estende desde os bairros até e além da camada de ozônio.

Para cada quatro cidadãos americanos, três contribuem regularmente com dinheiro para instituições de caridade, e doam mais de US\$1.000 por família, por ano. Quase 90 por cento das doações vêm dessas pessoas. As fundações e os grupos empresariais, embora sejam muito importantes, somente participam com 10 por cento de todas as contribuições. Pessoas de todas as faixas de renda estão envolvidas, e os doadores da faixa inferior da escala têm maior probabilidade de serem generosos do que os que estão em uma situação melhor.

De onde vem toda essa atividade e toda essa generosidade? Obviamente os Estados Unidos não são a única sociedade participativa do mundo. As

doações e o trabalho voluntário ocorrem na maioria dos países, e entidades sem fins lucrativos podem ser encontradas no mundo inteiro. Mas em nenhum outro lugar os números, as proporções, e o impacto são tão grandes.

Não é fácil determinar a razão pela qual essa atividade é tão mais intensa aqui, mas se quisermos que ela se mantenha nas gerações futuras, precisamos compreender o fenômeno melhor do que compreendemos atualmente. Existem poucas pesquisas sobre isso, e pouca literatura também; de qualquer forma, pode-se começar a estabelecer uma explicação.

De modo geral, a participação é atribuída à nossa ética protestante e à nossa ascendência inglesa; mas por mais importantes que elas sejam, elas são apenas duas entre muitas fontes. Os impulsos que identificamos como judaico-cristãos foram também trazidos às nossas praias a cada onda de imigrantes – da Suécia, Rússia, China, Índia e de outros lugares – seguidores de Jesus, Moisés, Maomé, Buda ou outros sábios e profetas.

Uma das mais fundamentais explicações da atividade dos voluntários se baseia na expressão religiosa e na proteção dessa liberdade. A Edição de 1993 do relatório do Independent Sector, *From Belief to Commitment* [Da Crença ao Compromisso], baseado no maior estudo já feito, do papel dos serviços comunitários das congregações religiosas, mostra que esses grupos são os principais prestadores de serviços dos bairros. Na minha experiência, quanto mais pobre for a comunidade, maiores serão essa função e esse impacto.

Além do exercício da liberdade religiosa e dos serviços comunitários prestados pelas congregações religiosas, essas instituições têm sido e continuam a ser os lugares onde as questões morais são levantadas e tratadas. Nas suas observações da vida americana em meados do século XIX, Alexis de Tocqueville viu a rede de organizações de voluntários deste país não tanto como prestadores de serviços, mas como “as associações morais” onde valores como caridade e responsabilidade em relação aos outros são ensinados e onde as cruzadas da nação criam raízes.

Por mais importantes que as influências religiosas tenham sido, não podemos atribuir a nossa tradição de ação voluntária somente às suas lições ou à sua bondade. Não devemos nos esquecer da questão da

dependência e assistência mútua. Os Minutemen (homens recrutados para combater as forças britânicas) dos tempos revolucionários (1775-1781) e as famílias que se estabeleceram nas fronteiras no final do século XVIII e no início do século XIX, praticavam formas básicas de interesse próprio esclarecido. Se estivéssemos descrevendo a nossa história de trabalho voluntário estabelecendo apenas uma relação com a bondade, estaríamos apenas descrevendo o melhor dos nossos antepassados, mas estaríamos ignorando a tradição generalizada do espírito de boa vizinhança organizada, temperado pelas dificuldades e pela bondade.

Um dos pontos mais impressionantes sobre as origens é que nós não devemos assumir que essas características e tradições foram importadas. Em “American Philanthropy” o historiador Robert Bremner deixa bem claro que os americanos nativos nos trataram com muito mais bondade “cristã” do que nós os tratamos. Ao lermos as suas descrições sobre a maneira gentil pela qual os nativos americanos nos saudaram e nos ajudaram na nossa adaptação ao mundo deles, descartamos por completo as nossas noções anteriores sobre a bondade importada.

Vimos para um país onde havia muito pouca estrutura. Tivemos uma chance de começar tudo de novo. Para a maioria das pessoas, pela primeira vez em gerações, não havia uma hierarquia familiar. Havia poucas restrições inerentes, impostas por séculos de leis e hábitos, mas de qualquer forma éramos terrivelmente interdependentes. Na ausência de famílias e tradições que nos controlassem, lidamos com a nossa dependência e a nossa tendência a nos associarmos uns aos outros, tornando-nos “uma nação de pessoas que se unem”, nas palavras do jornalista e comentarista social Max Lerner. Essas novas instituições – igrejas, sindicatos, associações de fazendeiros, brigadas de incêndio e outras organizações específicas – passaram a ser as nossas redes para fins de socialização e atividade mútua.

**É** também importante perceber que éramos um povo determinado a nunca mais viver sob o domínio de reis, ou imperadores, ou czares, e que portanto, via qualquer tipo de autoridade central com suspeita. Nossa determinação era de que o poder deveria ser distribuído. Isso significava que as instituições de voluntários fariam nos Estados Unidos o que os governos fizeram em outros países. Em “What Kind of Society Shall We Have?” [Que Tipo de Sociedade Teremos?], um artigo escrito para o Independent Sector, Richard W. Lyman, ex-presidente da Universidade de Stanford, nos lembra

da descrição, de Edmund Burke, dos “pequenos pelotões” da França que se tornaram o modo americano de conseguir a dispersão do poder e a organização do esforço mútuo.

A medida que experimentávamos os benefícios de tanta participação dos cidadãos, incluindo as satisfações pessoais que tal serviço proporciona, iam ficando mais comprometidos com esse tipo de sociedade participativa. Enquanto trilhávamos esse caminho, renovávamos constantemente a nossa fé na inteligência e na capacidade básica das pessoas.

Nunca encontramos um substituto melhor para salvaguardar a liberdade do que colocar a responsabilidade nas mãos das pessoas e esperar que elas correspondam a essa responsabilidade. Às vezes, podemos ficar decepcionados com o seu desempenho, mas a resposta definitiva ainda é o pacto democrático. Ainda há sabedoria e conforto no conselho de Thomas Jefferson segundo o qual “se acharmos que o próprio povo não ...[é] suficientemente esclarecido para exercer o seu controle com um bom discernimento, o remédio não é tomar o controle do povo, e sim informar o seu discernimento por meio da educação.”

Nós realmente éramos e continuamos a ser sinceros quanto ao que está escrito na Declaração da Independência. Nós acreditamos nos direitos e no poder do povo, e essas convicções fazem com que tomemos uma atitude em relação a uma grande variedade de questões e fazem com que mantenhamos e defendamos, com todas as nossas forças, as liberdades de religião, da palavra e de associação.

Se aceitamos o fato de que os nossos padrões e níveis de participação e generosidade contribuem, de maneira importante, para a nossa vida nacional, é essencial compreender e estimular todas as raízes que deram origem a esse pluralismo. Um dos desafios básicos é assegurar que o povo americano compreenda que existe essa terceira via pela qual encaramos nossos problemas e sonhos.

O trabalho voluntário, obviamente, começa com o indivíduo – a regra de ouro – e com a ajuda. Os cem milhões de americanos que prestam serviços como voluntários estão envolvidos em um conjunto extraordinário de atos de compaixão e serviço. Eles informam, protestam, ajudam, ensinam, curam,

constróem, advogam, confortam, depõem, apóiam, pedem, doam, fazem campanhas, fazem passeatas, orientam, alimentam, monitoram, e, de muitas outras maneiras, servem às pessoas, comunidades e causas.

Além de todas as indicações do bem que resulta quando tantas pessoas fazem tantas coisas boas, é importante reconhecer o que todos esses esforços significam para o tipo de pessoas que nós somos. Toda essa participação voluntária nos fortalece como nação, fortalece nossas comunidades, e nos fortalece e nos satisfaz como seres humanos.

Merle Curti, a historiadora, vencedora do prêmio Pulitzer, diz: “A ênfase na iniciativa voluntária ajudou a dar à América o seu caráter nacional.”

Ao examinarmos a maior parte das grandes cruzadas de cidadania da nossa história, o que fica cada vez mais evidente é que a participação, o interesse e a prova de que as pessoas podem fazer uma diferença se somam ao espírito da sociedade, o que é maravilhoso. Por exemplo, no estudo, da autoria de Inez Haynes Irwin, sobre a luta pelo voto feminino, ela retorna repetidamente ao espírito daquelas mulheres, não apenas por terem se decidido a executar uma tarefa e fazê-lo com sucesso, mas também pelo que o sucesso significou para elas como seres humanos. “Elas desenvolveram uma noção de companheirismo entre si que era metade amor, metade admiração, e referência na sua totalidade,” Irwin escreve. “Ao descrever uma colega de trabalho elas falam primeiro do seu espírito, e o seu espírito é sempre lindo, ou nobre, ou glorioso...”

Quando se pensa nos gigantes do setor voluntário, há uma probabilidade de que se pense em nomes de mulheres, pelo menos nos últimos 150 anos -- nomes como Clara Barton, Jane Addams, Mary McLeod Bethune, Susan B. Anthony, Dorothea Dix, Alice Paul, Elizabeth Cady Stanton, Harriet Beecher Stowe, Dorothy Day, Mother Seton, Carrie Nation, Margaret Sanger e Lucretia Mott.

No meu recente livro, *Voices From the Heart: In Celebration of America's Volunteers* [Vozes do Coração: Em Homenagem aos Voluntários da América], eu descrevo o trabalho voluntário através da experiência de 25 indivíduos, que revelam o que eles fazem, porque eles o fazem, e o que a experiência tem significado para eles.

Ouçá algumas de suas vozes:

Scott Rosenberg é um artista que ensina adolescentes em situação de risco a produzir filmes e vídeos. Ele descreve a experiência: “Em um nível visceral, o trabalho voluntário é adrenalina pura. Você se eleva da maneira certa quando trabalha com pessoas em alguma coisa na qual você acredita. É um trabalho árduo, mas você acaba se sentindo

extasiado.”

Valdimir Joseph, conselheiro em uma universidade, fundou a organização Inner Strength [Força Interior], que proporciona orientação para jovens afro-americanos. Ele diz: “Todos têm algo a oferecer. O fato de trabalhar com outros voluntários ajudou a me dar força. Eles também têm dificuldades. Eu me sinto poderoso quando vejo os voluntários desenvolvendo um relacionamento com esses rapazes, quando vejo que eles estão crescendo juntos... Todas as pessoas que conheço, que trabalham como voluntários, mesmo aqueles que só fazem isso duas horas por semana, fazem uma diferença na vida de alguém.”

Amber Coffman, uma adolescente, entrega comida aos sem-teto e resume a sua reação: “Trata-se de mudar as vidas das pessoas por causa de alguns voluntários que se reúnem nos fins de semana e simplesmente e dão alguma coisa de si, com o coração. Isso é o que me faz levantar cedo quando não estou com vontade de preparar refeições. Eu faço isso por causa das sensações maravilhosas que ocorrem quando se dá alguma coisa. A partir do momento em que você realmente dá alguma coisa de si mesmo, você nunca mais quer parar de fazer isso na vida.”

John Gatus, um encanador de canos de vapor aposentado, supervisiona uma patrulha anti-gangue de rua, e reflete: “O trabalho voluntário resulta em mudanças reais, mudanças das quais você pode participar, mudanças que você pode ver com os seus próprios olhos. Não é necessário que os políticos ou que a polícia lhe diga que as coisas estão melhores. Você pode ver a situação com os seus próprios olhos e sentir, você mesmo, e saber que você fez a sua parte... Existe um orgulho de verdade nisso. Fazemos parte da comunidade.”

Katherine Pener atua há 22 anos como conselheira de pacientes que fizeram cirurgia de câncer no seio, e declara: “Eu garanto que qualquer pessoa que faz algum trabalho voluntário se sente melhor emocional, física e psicologicamente. Não quero saber quem você é e nem o que você faz. As pessoas que conheço, que fazem trabalho voluntário têm um sorriso no rosto. As horas que elas doam valem mais do que qualquer dinheiro que elas poderiam receber.”

Os voluntários geralmente trabalham em conjunto para ampliar o seu alcance e resultados. Há mais de um milhão de instituições de caridade oficialmente registradas junto ao U.S. Internal Revenue Service [órgão do governo americano equivalente à Secretaria da Receita Federal] que variam desde pequenos grupos comunitários até cruzadas nacionais. Esse número não inclui a maioria das congregações religiosas, grupos de assistência

mútua, ou seções locais de grandes organizações de âmbito nacional como a American Cancer Society. Esse número também não inclui os grupos menos formais preocupados e envolvidos com tudo, desde assistência pré-natal até cemitérios. Contando todas essas organizações, o número chega a pelo menos três milhões, e continua a crescer.

As organizações de trabalho voluntário incluem grandes instituições como universidades, museus e hospitais; grandes cruzadas nacionais como a American Heart Association e o National Trust for Historic Preservation [Fundo Nacional Para a Preservação Histórica]; e associações locais que lidam com quase todas as causas e preocupações possíveis.

Em geral, são três as funções principais que as organizações de voluntários assumem: serviços (como os albergues da juventude), defesa de idéias (como Americans for Indian Opportunity), e atribuição de poder (como a National Organization for Women).

As organizações de voluntários proporcionam aos indivíduos interconexões para ampliar quase todos os elementos importantes das suas vidas particulares, incluindo a expressão religiosa e projetos mutuamente benéficos. Muitas dessas relações são informais, mas muitas requerem alguma estrutura, o que leva à criação de associações.

Qualquer que seja o interesse da pessoa – flores silvestres ou direitos civis, artrite ou ar puro, arte oriental ou alfabetização, os moribundos ou os que ainda não nasceram – já existem organizações que funcionam; e se elas não se adaptam à nossa paixão, podemos fundar a nossa própria organização. Essa possibilidade é uma característica maravilhosa da América.

O ativista social e ex-funcionário do governo John Gardner diz que “quase todas as grandes mudanças sociais na América se originaram neste setor voluntário.”

“Se os voluntários e as organizações de trabalho voluntário desaparecessem da nossa vida nacional, seríamos menos marcadamente americanos. O setor realça a nossa criatividade, dá mais vida às nossas comunidades, estimula a responsabilidade individual, agita a vida na base da sociedade, e serve para nos lembrar de que nascemos livres. Sua vitalidade encontrou solo fértil – orgulho cívico, compaixão, uma tradição de filantropia, um forte impulso para resolver problemas, uma noção de responsabilidade individual e um compromisso irrepreensível com a grande tarefa compartilhada de melhorar nossa vida em conjunto.”

É essa união de compaixão, espírito e energia que freqüentemente faz a diferença para as questões

mais sérias que todos nós enfrentamos. Questões enormes e complicadas como o câncer e a pobreza requerem milhares de voluntários que tenham um enfoque na prestação de serviços, na prevenção, na conscientização do público e nas políticas públicas.

Geralmente quando exemplos da força e do impacto do trabalho voluntário são citados, eles são relacionados a um passado distante – a questões como a escravidão, o voto feminino ou as leis sobre o trabalho infantil. Embora esses exemplos sejam importantes, a sua constante repetição tende a reforçar a noção de que coisas significativas têm menos probabilidade de acontecer hoje.

De acordo com a minha experiência, tenho certeza de que, somente neste último quarto de século, houve uma verdadeira explosão do impacto da cidadania sobre um amplo leque de considerações humanas. Por exemplo, somente nos últimos 20 anos, os voluntários romperam um paradigma de séculos de indiferença às necessidades dos moribundos. Como resultado da sua nobre cruzada, quase todas as comunidades, atualmente, possuem clínicas adequadas que proporcionam ajuda aos doentes terminais e às suas famílias.

Nos anos mais recentes, a paixão, a coragem, e a determinação dos voluntários forçaram a nação e todas as suas regiões a perceberem que devemos preservar, para as gerações futuras, os nossos preciosos recursos hídricos, nosso ar e nossa terra. Essa ética e essa prática, no momento estão disseminadas em todas as formas de recursos locais e nacionais, incluindo pântanos, florestas, terras aráveis, edifícios históricos e centros urbanos inteiros.

Os voluntários assumiram posições em nome da decência comum e serviços adequados para crianças retardadas, e com essas iniciativas pioneiras, serviram de exemplo para muitos outros que, a seguir, ousaram fazer o mesmo para a paralisia cerebral, o autismo, as dificuldades de aprendizado, e centenas de outros problemas, dos quais nós nem tínhamos ouvido falar poucas décadas atrás.

Com o estabelecimento e o crescimento dos Alcoólicos Anônimos, os voluntários criaram um modelo de assistência mútua que hoje se estende a quase todos os problemas pessoais sérios. Em quase todas as comunidades há um grupo de pessoas que enfrentaram a tempestade e que estão estendendo as mãos para outros que recentemente se viram frente a frente com crises ameaçadoras, como a morte de um filho, uma mastectomia, a depressão, um derrame ou violência física.

E durante todo esse tempo algumas pessoas têm prestado serviços, promovendo a importância e a disponibilidade das artes e das oportunidades

culturais como aspectos centrais de uma sociedade civilizada. Um dos grandes movimentos de atividade voluntária e impacto tem envolvido o teatro, a dança e a música na comunidade, para proporcionar oportunidades para a criatividade e para que as pessoas participem e freqüentemente as apresentações dessas formas de arte.

A lista, quase sem fim, inclui a educação pré-escolar, as creches, o serviço social, o controle do câncer, o consumismo, o controle populacional, a resolução de conflitos, os museus étnicos, os cuidados com os recém-nascidos, a vida independente para os idosos, a gravidez na adolescência, a dependência química e o treinamento profissional – essas coisas, em conjunto, cobrem a paisagem social dos Estados Unidos.

Por meio da nossa iniciativa voluntária e instituições independentes, os americanos, cada vez mais, praticam suas religiões com liberdade, estudam sem alarde, recebem assistência com compaixão, conduzem experiências com criatividade, prestam serviços com eficácia, defendem suas idéias agressivamente, e contribuem com generosidade. Essas características nacionais são constantes em sua beleza, e essa beleza deve ser preservada. ■

---

*Brian O'Connell é presidente e fundador da organização Independent Sector e professor de serviço público na Universidade de Tufts, Medford, Massachusetts. Recentemente ele escreveu o livro "Voices From the Heart: In Celebration of America's Volunteers" [Vozes do Coração: Em Homenagem aos Voluntários da América], (Jossey-Bass and Chronicle Books, 1998); outra obra sua que deverá ser lançada em breve é "Civil Society: The Underpinnings of American Democracy" [A Sociedade Civil: a Estrutura Subjacente da Democracia Americana] (University Press of New England and Tufts University, 1999).*



---

OS

# MELHORES ANOS DE NOSSAS VIDAS

*Poucas pessoas transformaram a aposentadoria em uma oportunidade para o trabalho voluntário com mais entusiasmo do que o ex-presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter. Atualmente com 73 anos, ele é o presidente da entidade sem fins lucrativos Carter Center, em Atlanta, Geórgia. Neste artigo, ele explica porque passa o tempo fazendo trabalho voluntário, e porque ele acha essa atividade tão satisfatória.*

Quando eu me aposentei da Casa Branca em 1980 (quatro anos antes do previsto), Rosalynn e eu tínhamos que resolver como passaríamos o resto de nossas vidas. Éramos relativamente jovens – ambos na casa dos 50 – e estávamos desempregados. Fomos diretamente de Washington para a nossa casa em Plains, Geórgia (população: 700 pessoas), onde eu não tinha morado desde que fui eleito governador do estado [em 1970].

Você pode imaginar que essa não foi uma mudança fácil. Mas nós concordamos em uma coisa: Plains era o nosso lar e era o lugar onde queríamos ficar. Eu não queria mais me candidatar a nenhum cargo público, e portanto começamos a pensar sobre como poderíamos usar um pouco da habilidade e experiência que tínhamos adquirido com o tempo, para trabalhar em questões que sempre tinham sido importantes para nós.

Aquele primeiro ano foi um período de intensa reflexão. Daí surgiu a idéia do Carter Center [[www.cartercenter.org](http://www.cartercenter.org)]. Imaginamos um centro sem fins lucrativos, onde poderíamos reunir pessoas e recursos para promover a paz e melhorar a saúde no mundo inteiro. Abrimos o nosso centro no campus da Universidade de Emory em 1983, e passamos a

**JIMMY CARTER**  
DE BUSINESS WEEK

ocupar a nossa sede permanente, vizinha à recentemente construída Jimmy Carter Library and Museum [Biblioteca e Museu Jimmy Carter], em 1986. Com o tempo, Rosalynn e eu transformamos a aposentadoria em outra carreira, por meio do nosso trabalho no Carter Center. E devo

dizer que os nossos anos após a presidência foram ainda mais compensadores do que os anos em que ocupamos cargos públicos. Em nome do Centro, viajamos a mais de 115 países. Na Coréia do Norte, Haiti, Nicarágua, Libéria, Sudão e outros lugares, ajudamos a resolver conflitos e crises potencialmente explosivos. Passamos semanas em aldeias remotas na África, ensinando aos residentes sobre a erradicação da doença causada pelo verme da Guiné, e distribuindo remédios, gratuitamente, para controlar a cegueira causada pela contaminação com as águas dos rios. Em outras partes da África, ajudamos os agricultores a aumentar a produção de milho e grãos em até 400 por cento, usando práticas agrícolas simples e de baixo custo. Contribuímos para o progresso dos direitos humanos e ajudamos países do terceiro mundo a desenvolver planos-mestre de desenvolvimento.

Nos Estados Unidos, Rosalynn deu continuidade aos seus esforços em prol dos doentes mentais, tendo como base o seu trabalho como primeira dama da Geórgia e dos Estados Unidos. Ajudamos os moradores dos bairros pobres de Atlanta a desenvolver estratégias para melhorar suas vidas, compartilhando o que aprendemos com mais de cem outras cidades. E quando não estamos trabalhando para o Carter Center, passamos uma semana por ano construindo casas com outros voluntários, para a organização Habitat for

---

Humanity, nos Estados Unidos e em outros países.

Todos esses projetos têm enriquecido minha vida de inúmeras maneiras. Tenho aprendido coisas que nunca soube como senador estadual, ou governador, ou até mesmo como presidente. Ao trabalharmos com outras pessoas, Rosalynn e eu atendemos às nossa própria necessidade de enfrentar desafios e de agir como membros produtivos da nossa comunidade global.

Ao trilharmos esse caminho, também encontramos outras pessoas que procuram oportunidades de contribuir com tempo, experiência e recursos para minorar o sofrimento e melhorar as vidas de outros. Por exemplo, no Carter Center, unimos os nossos recursos aos recursos de nossos muitos parceiros – incluindo empresas, fundações e indivíduos. Tenho tido contato com os empregados de muitas organizações que fazem doações, como a Merck, a DuPont e a United Parcel Service. Muitos chegaram a chorar de emoção quando eu lhes contei como as doações das suas empresas ajudaram a livrar os habitantes das aldeias africanas da doença do verme da Guiné e da cegueira dos rios, ou amenizaram as dificuldades de uma família no nosso próprio país.

Darei outro exemplo de como a aposentadoria mudou a nossa visão do mundo. Rosalynn e eu temos liderado equipes do Carter Center na condição de observadores – e às vezes, de mediadores – em

eleições livres e justas em aproximadamente 15 países. Em 1990, ficamos na fila com os haitianos no local de votação onde apenas três anos antes, dezenas de pessoas haviam sido mortas por terroristas patrocinados pelo governo quando estavam tentando votar. Muitos eleitores tinham se levantado no meio da noite e caminhado distâncias entre 16 e 24 km., para poder entrar naquela mesma fila – embora temessem pelas próprias vidas. Ao percorrermos as ruas de Porto Príncipe naquele dia, conversamos com pessoas que haviam esperado horas somente pela oportunidade de votar – um privilégio sagrado que nós e outros consideramos garantido aqui nos Estados Unidos.

Vivemos em uma terra de oportunidade, e o nosso afastamento da vida política abriu todo um novo e excitante mundo, cheio de desafios. Para nós, a aposentadoria não significou o fim, mas um novo começo. Esperamos passar muito mais tempo em atividade, aproveitando ao máximo o resto de nossas vidas. ■

---

*Jimmy Carter foi presidente dos Estados Unidos de 1977 a 1981. A reprodução deste artigo pela imprensa foi autorizada fora dos Estados Unidos, com exceção da imprensa local na Índia, Japão, Espanha, Rússia e Tailândia. A página-título de qualquer reimpressão deverá conter crédito ao autor e à publicação. Condensado de Business Week, de 20 de julho de 1998.*



# O TRABALHO VOLUNTÁRIO



## E O SETOR GOVERNAMENTAL

SUSAN J. ELLIS

A frase imortal do presidente Abraham Lincoln, segundo a qual o governo dos Estados Unidos é “do povo, pelo povo, para o povo” é provada todos os dias por voluntários. A verdade é que, apesar do que algumas pessoas podem pensar, nem todos os funcionários do governo estão na folha de pagamento

Um erro comum de interpretação é pensar que o trabalho voluntário somente envolve os serviços prestados às entidades sem fins lucrativos. Por causa do termo “setor voluntário,” há uma tendência generalizada a presumir que o trabalho voluntário e as entidades privadas de trabalho voluntário estão sempre juntos. Trata-se de uma visão pouco esclarecida. Na verdade, uma porcentagem muito grande de voluntários americanos auxilia as unidades do governo nos níveis municipal, estadual e federal.

Pense nos seguintes lugares onde os voluntários geralmente podem ser encontrados:

- Escolas públicas e bibliotecas públicas.
- Parques e programas de recreação locais.
- Hospitais comunitários, militares e para ex-combatentes dos Estados Unidos.
- Assistência aos idosos.
- Serviços de aconselhamento e proteção à família e à criança.

- Tribunais, cadeias e penitenciárias, comissões de liberdade condicional.
- Abrigos para os sem-teto.

Nesses ambientes os cidadãos trabalham como voluntários, em conjunto com empregados, como uma equipe. Eles executam tarefas identificadas pelos funcionários como apropriadas e importantes.

Um exame da inter-relação entre o governo e o trabalho voluntário nos Estados Unidos deve levar em consideração quatro categorias distintas:

- Trabalho voluntário feito em nome do governo por cidadãos voluntários, por opção e sem remuneração.
- Trabalho voluntário feito por autoridades e funcionários do governo como uma extensão do seu compromisso com a comunidade, mas sem remuneração adicional.
- Atividades de cidadãos que procuram afetar a vida política ou social por meio de pressão política, protestos, defesa de idéias ou assessoria em uma grande variedade de questões.
- Programas governamentais que resultam na prestação de serviços por categorias especiais de cidadãos. Isso inclui serviço voluntário porém assalariado, e serviço “obrigatório”, particularmente nos distritos escolares, no sistema de justiça



criminal e no novo sistema de reforma da previdência. Esta categoria pode dar margem a controvérsia.

#### TRABALHO VOLUNTÁRIO EXECUTADO POR CIDADÃOS

Os cidadãos dos Estados Unidos estão acostumados com serviços de polícia, bombeiros, e de emergência de alto padrão. Nas áreas rurais, esses serviços não existiriam se os membros da comunidade não se envolvessem como voluntários. Mesmo nas maiores cidades do país, os voluntários são um elemento crítico quando se trata de garantir a segurança pública. Na verdade, por incrível que pareça, os voluntários compõem 80 por cento dos bombeiros do país. Dependendo do tamanho da comunidade, pode haver um chefe dos bombeiros remunerado, uma autoridade quase-governamental, e alguma verba proveniente dos impostos. No entanto, a maior parte das pessoas envolvidas em todos os aspectos do combate ao fogo, na administração dos corpos de bombeiros, e na captação de recursos para a aquisição de equipamentos é composta de voluntários. As comunidades suburbanas podem complementar uma equipe paga, que atua nos dias de semana, com voluntários que trabalham à noite e nos fins de semana, quando os moradores estão de volta às suas casas, suficientemente próximos para responder a um alarme.

Da mesma forma, outros serviços de emergência contam com o trabalho voluntário. Cidadãos especializados em primeiros socorros servem às empresas e à comunidade. Eles integram as equipes dos serviços de ambulância e de resgate, e são os primeiros a prestar assistência às pessoas que estão presas ou imobilizadas de alguma forma. Essa atividade se estende à National Ski Patrol [Patrulha Nacional de Esquiadores] que oferece ajuda nas encostas das montanhas no inverno.

Os voluntários são “o lado bom” das tragédias. Eles se mobilizam para ajudar as autoridades quando ocorrem calamidades como inundações, incêndios, terremotos, tornados e furacões; constroem barricadas e diques; providenciam abrigo

e assistência durante as emergências; removem os escombros; e ajudam na reconstrução, depois da catástrofe.

A prevenção do crime é outro ponto-chave da atividade voluntária. Os cidadãos policiam os seus próprios bairros, por meio das “vigias da vizinhança”, para proteção mútua, e proporcionam abrigos seguros para as crianças ao longo do caminho para a escola. Os voluntários apóiam diretamente os órgãos de segurança, encarregando-se das funções de polícia não emergenciais, como o apoio às atividades para menores infratores, a ajuda em paradas e cerimônias públicas, e controle de trânsito. Eles integram unidades de reserva e auxiliares da polícia; colhem e analisam estatísticas. Projetos para a resolução de crimes estimulam as testemunhas para que estas forneçam pistas que possam levar à captura de criminosos. Além disso, os voluntários também ajudam a efetuar buscas de pessoas desaparecidas. Finalmente, comitês civis de fiscalização monitoram as operações da polícia para assegurar a conformidade com as normas legais e a proteção dos direitos humanos.

Nos casos em que não tenha sido possível prevenir o crime, os voluntários também estão disponíveis para prestar assistência aos tribunais e ao sistema correccional. Eles exercem uma variedade de funções – vigias nos tribunais, orientadores em casos de liberdade condicional, pais adotivos temporários, consultores e auxiliares em atividades recreativas. Júris de adolescentes, compostos por jovens voluntários, ajudam a determinar ações referentes a menores infratores, enquanto os voluntários adultos compõem equipes de arbitragem. Os voluntários prestam assistência às vítimas dos crimes enquanto elas passam pelo processo legal, e ajudam, de forma similar, as testemunhas de crimes que concordam em depor. Finalmente, as várias ordens dos advogados – de âmbito federal, estadual e municipal – consideram uma obrigação profissional coordenar serviços legais gratuitos a clientes indigentes.

Nas prisões e instituições correccionais, os voluntários da comunidade visitam os presos e agem como líderes de atividades, instrutores, ministros leigos e conselheiros. Quando os presos são postos em liberdade, os voluntários proporcionam ajuda com uma variedade de serviços de reintegração, desde a procura de habitação e emprego até aconselhamento de apoio.

A própria palavra “comunidade” implica ajuda mútua e ação de cooperação. Muitas das funções voluntárias acima mencionadas contribuem substancialmente para melhorar a qualidade de vida em uma comunidade. Certamente no nível de bairro, a integração do governo municipal com os seus



cidadãos pode ser muito pessoal. A coordenação do governo e a ação dos voluntários, em conjunto, resultam em uma melhoria da segurança pública, da saúde pública e da qualidade do ensino público. Esse trabalho até se estende às campanhas para a limpeza do bairro, aos programas para a remoção de lixo, e aos programas do tipo “adote uma estrada” ou jardins comunitários. Eventos cívicos como paradas, festividades em feriados e concertos comunitários podem ser coordenados por um funcionário público, mas as mãos (e pés!) de muitos voluntários são fundamentais.

Algumas cidades e condados possuem um Escritório de Voluntários que encaixa os voluntários em determinadas funções. Tais funções incluem ajuda no trabalho diário em órgãos do governo. As pessoas que participam de conferências de administração profissional de trabalho voluntário refletem a grande variedade de funcionários públicos que têm a responsabilidade de recrutar e trabalhar com voluntários. Além dos funcionários relacionados com o tipo de programas de voluntários já descritos, coordenadores remunerados de voluntários trabalham no Internal Revenue Service (órgão do governo dos Estados Unidos equivalente à Secretaria de Receita Federal) (o seu programa VITA ajuda milhares de cidadãos idosos e pobres a preencher suas declarações de renda), na Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço [National Aeronautics and Space Administration - NASA] (buscando a ajuda de cientistas e cidadãos interessados em apoiar a exploração do espaço), e no Serviço de Parques Nacionais [National Park Service] (colocando voluntários em todos os parques nacionais) Os voluntários aparecem em muitos outros lugares incomuns – como Virginia Beach, Virginia, onde o departamento de obras da prefeitura recruta voluntários nos bairros para transmitir informações sobre reparos em ruas e projetos de construção. Em uma época em que há uma grande busca de valores, os voluntários podem ser uma fonte de inspiração. Da mesma forma, o trabalho voluntário em um programa do governo é um estímulo ao exercício da cidadania.

Há muitas razões para dar boas vindas à participação dos cidadãos. Uma delas é puramente econômica: os serviços prestados pelos voluntários fazem com que as verbas públicas disponíveis possam cobrir muito mais do que teria sido possível

de outras formas. Essa é uma maneira de manter os impostos sob controle e mesmo assim manter os programas cuja necessidade é mais premente. Mas o valor do trabalho voluntário transcende, e muito, o aspecto financeiro. Quando os moradores ajudam a prestar serviços junto ao governo, eles desenvolvem uma noção de propriedade, um compromisso com a melhoria da comunidade, que é, ao mesmo tempo, o direito e o privilégio de um contribuinte.

### AS FORÇAS ARMADAS

Os americanos se referem às forças armadas dos Estados Unidos como um “exército de voluntários”. Naturalmente, o que queremos dizer é que se trata de um exército voluntário, formado por pessoas que optam por se alistar, em vez de serem convocados. O serviço militar, para alguns, é um emprego, e para outros é uma carreira. Seus membros são assalariados, e podem receber benefícios financeiros vitalícios. Mas existem aqueles que prestam serviços gratuitamente -- voluntários – que também se encontram à disposição.

Através da história dos Estados Unidos, os voluntários têm estado nas linhas de frente e no próprio país, prestando a sua contribuição para o esforço de guerra – e ocasionalmente, protestando contra o uso do poderio militar. Além disso, há um grande sistema de unidades de reserva das forças armadas, companhias da Guarda Nacional, e programas de defesa civil em funcionamento. Em tempo de guerra, os voluntários têm prestado uma grande variedade de serviços de apoio aos que se encontram na frente de combate. A United Service Organization tem um impressionante histórico de organização de espetáculos de artistas e outras personalidades para as tropas na frente de combate, e também continua a proporcionar instalações para repouso e recuperação de militares, nos intervalos entre as operações.

O apoio dos voluntários também envolve outros projetos – por exemplo a manutenção de canais de comunicação à disposição dos combatentes por meio de correspondência e distribuição de presentes no Natal e ocasiões similares, programas que normalmente mobilizam milhares de pessoas, incluindo alunos de escolas primárias e grupos cívicos. Esse apoio se estende às famílias que aguardam o retorno dos seus entes queridos que estão nas forças armadas. Pense por um momento, nos voluntários que coordenaram a distribuição e colocação das fitas amarelas em todo o país durante a Operação Tempestade no Deserto. Outros cidadãos dedicam suas horas de folga ao trabalho em hospitais para ex-combatentes. Além disso, através dos esforços dos cidadãos, todos os



americanos são chamados para homenagear, em determinados feriados, os que tomaram a serviço da pátria, e para a captação de recursos para estátuas e monumentos em sua memória.

Todas as forças armadas possuem um sistema de prestação de serviço social que envolve voluntários para o aconselhamento de membros das forças armadas e suas famílias, particularmente no que se refere a problemas conjugais e empregos para esposas ou maridos (por exemplo, o Army Community Service [Serviço Comunitário do Exército] e o National Guard Family Support Program [Programa de Apoio às Famílias da Guarda Nacional]). Quando as forças armadas e a nação se vêem às voltas com a questão dos combatentes desaparecidos em ação, ou que tenham se tornado prisioneiros de guerra, ou reféns, as famílias afetadas e outros voluntários se empenham para obter informações a respeito desses americanos em perigo, e para apressar o seu regresso.

Freqüentemente, as campanhas militares têm causado fortes reações por parte de grupos de cidadãos. Qualquer que seja a escala da atividade, modesta – como escrever cartas individuais a legisladores – ou mais ambiciosa, como participar de uma manifestação de protesto em Washington – ela é organizada e executada por voluntários. O fato de que o debate sobre o envolvimento militar pode ocorrer publicamente é um sinal de democracia saudável. E ambos os lados usam as mesmas táticas: petições, marchas, manifestações, e os esforços do maior número possível de voluntários.

### O TRABALHO VOLUNTÁRIO DE FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

Embora a impressão geral seja de que os funcionários públicos são remunerados, a verdade é que em muitas comunidades pequenas e rurais, muitos serviços governamentais não se fazem necessários em tempo integral. É possível, portanto, ampliar os recursos, se os cidadãos de uma comunidade se apresentarem como voluntários para assumirem uma série de responsabilidades. Em pequenas comunidades, as autoridades municipais prestam serviços sem remuneração ou então

mediante o pagamento de um modesto salário para cobrir as despesas. Da mesma forma, todos os níveis de governo criam “comissões”, conselhos consultivos e forças-tarefa para supervisionar ou prestar consultoria sobre uma grande variedade de atividades públicas. Os membros desses grupos geralmente são oriundos do setor privado, e portanto recebem pouca ou nenhuma remuneração. Os membros dos conselhos de educação, embora sejam geralmente eleitos, também prestam serviços sem remuneração.

É interessante observar que cada candidato a um cargo político é um “voluntário”. Nenhum deles recebe salários do governo até que (e a não ser que) seja eleito. O processo político dos Estados Unidos requer o envolvimento de milhares de voluntários para campanhas eleitorais e atividades dos partidos políticos – que variam desde a distribuição de folhetos até a fiscalização dos locais de votação no dia da eleição.

O trabalho voluntário nos meios profissionais está atraindo muito interesse atualmente. Um número cada vez maior de empresas está encorajando seus empregados a trabalhar como voluntários durante as suas horas de folga – e até mesmo durante o expediente.

O governo, como um grande empregador, também patrocina esse tipo de construção da comunidade. Policiais, por exemplo, organizam oportunidades para trabalho voluntário, freqüentemente envolvendo os jovens. Seções locais da Liga Atlética da Polícia [Police Athletic League] e do DARE (um programa de conscientização sobre drogas nas escolas primárias e secundárias em todo o país) somente existem graças aos voluntários. Em todos os Estados Unidos, órgãos do governo, em todos os níveis, participam de jornadas de trabalho com patrocínio local, encorajando equipes de empregados, por exemplo, a fazer a limpeza de parques. Individualmente, os titulares de cargos eletivos freqüentemente continuam a fazer o trabalho voluntário pessoal que começaram a fazer antes de se candidatarem ao cargo, ou aceitam novas funções de trabalho voluntário para servirem de exemplo para a população. Alguns governadores e prefeitos dão aulas de reforço para jovens, trabalham como treinadores de equipes esportivas, e entregam refeições às pessoas impossibilitadas de saírem de suas casas.

### DEFESA DE IDÉIAS DOS CIDADÃOS

Desde os primórdios da era colonial, as reuniões nas cidades eram vitais para que fosse estimulada a democracia participativa. Nos tempos coloniais, a reunião dos habitantes da cidade representava o



governo local na sua totalidade, uma tradição que atualmente só é mantida em algumas cidades da Nova Inglaterra. Mas mesmo neste fim de século, as reuniões nas cidades e as audiências públicas estimulam os cidadãos ativos e participantes a procurar respostas sobre as políticas que afetam as suas vidas. Sempre que um americano escreve para o seu representante no Congresso, trata-se de trabalho voluntário. O trabalho voluntário também, inclui todas as outras lutas por uma causa em todos os níveis de governo – para mudar leis e procedimentos, para educar o público ou para trazer melhorias para uma comunidade – por meio de marchas e outros tipos de manifestações. Os motivos podem ser modestos como a colocação de semáforos e obstáculos em um bairro.

#### SERVIÇOS COMUNITÁRIOS CRIADOS PELO GOVERNO

Um último exemplo de trabalho voluntário na esfera governamental é o serviço comunitário que surgiu como resultado da legislação governamental. Esse serviço deu origem a uma questão com a qual muitos se preocupam nos setores voluntários – a pergunta é: os cidadãos que são pagos para trabalhar ou que são obrigados a trabalhar podem ser identificados como voluntários?

Em âmbito nacional, essa questão surgiu pela primeira vez quando o presidente John F. Kennedy criou o Corpo da Paz [Peace Corps] em 1961. O governo dos Estados Unidos oferecia verbas para acomodação, alimentação e despesas ocasionais para qualquer pessoa que se compromettesse a representar de maneira intensiva, durante dois anos, os Estados Unidos, prestando serviços no exterior. Como os membros do Corpo da Paz não teriam permissão para exercer nenhuma atividade adicional remunerada durante o seu tempo de serviço, essa modesta quantia mensal tinha como objetivo garantir que qualquer americano qualificado – de qualquer nível econômico – pudesse entrar para o Corpo da Paz. Os membros que serviram, e que ainda servem, o fazem voluntariamente. Como resultado disso, apesar da subvenção para despesas, os membros do Corpo da Paz, assim como os participantes do VISTA (Voluntários a Serviço da América [Volunteers in Service to

América]), são considerados voluntários. (O mais recente exemplo de serviço subvencionado, o AmeriCorps, promulgado no governo do presidente Clinton, proporciona, além da ajuda de custo, um benefício educacional no fim do período.)

Para coordenar esses programas, conhecidos em conjunto, como “serviço nacional”, o presidente Nixon criou um órgão do governo dos Estados Unidos chamado ACTION. O presidente Clinton substituiu esse órgão por uma instituição de base mais ampla, a Corporation for National Service. Ela inclui o AmeriCorps, o Senior Corps (para cidadãos com idade de 55 anos ou superior), e Learn & Serve (um serviço de apoio baseado nas escolas). Financiada por verbas do governo federal às quais são adicionados recursos dos governos estaduais e municipais, a Corporation distribui os seus participantes em entidades sem fins lucrativos, escolas ou projetos dos governos municipais que envolvem crianças com necessidades especiais sob o ponto de vista educacional, físico ou psicológico.

Mas apesar da entusiástica participação de dezenas de milhares de cidadãos, será que isso é trabalho voluntário? Quando é que uma ajuda de custo passa a ser um estipêndio, e quando um estipêndio é considerado apenas um baixo salário? O debate continua, mas enquanto ele persiste, um grupo de homens e mulheres de todas as idades, cheios de boa vontade e energia, presta serviços. Sem essa modesta quantia, a prestação desses serviços se tornaria impossível ou pouco provável.

Outro exemplo pouco comum de serviço comunitário criado pelo governo é uma série de programas criados para que as pessoas possam “abater” impostos ou multas por meio de trabalho. Idosos que possuem renda fixa ou assalariados de baixa renda têm, por meio desse programa, a oportunidade de contribuir com um certo número de horas de serviços comunitários por ano, de modo a reduzir ou eliminar sua obrigação de efetuar pagamentos em dinheiro que eles possam ter junto à sua jurisdição. Esses programas são de âmbito municipal; não existe nenhum sistema comparável em âmbito nacional. E o cidadão tem a opção de participar ou não. No entanto, de modo geral, os riscos são poucos e as oportunidades são ótimas.

Essa questão de serviço comunitário também surge em outras esferas. As escolas públicas estipulam requisitos para que os alunos completem um número fixo de horas de serviço na sua comunidade como um pré-requisito para a conclusão do curso. Os tribunais oferecem aos adultos e menores infratores a opção de um número pré-determinado de horas de serviço em vez de uma multa ou prisão (freqüentemente esse sistema é chamado de “sentença alternativa”); eles podem



também exigir que o acusado preste esses serviços além de ficar em liberdade condicional. E os esforços para a reforma da previdência acrescentam a opção da prestação de serviços àquela de emprego registrado ou educação como meio de manter os benefícios da assistência pública.

Por causa do conflito que pode surgir em função dos termos e definições, esses tipos de programas são geralmente chamados de “serviços comunitários” em vez de “serviços voluntários”. Na prática, no entanto, o escritório de trabalho voluntário de uma organização aceita, treina e gerencia essas categorias especiais de trabalhadores. Além disso, as estatísticas mostram que, em muitos casos, se esses trabalhadores forem bem tratados e se gostarem das suas tarefas, uma porcentagem deles continuará executando suas tarefas além do número mínimo de horas estipulado. Portanto, em última análise, o serviço obrigatório ou dirigido pode acabar resultando no verdadeiro trabalho voluntário.

Como vimos, o trabalho voluntário associado ao

governo tem muitas dimensões. Nos Estados Unidos, o governo em todos os níveis depende dos cidadãos de muitas maneiras – isso faz parte da natureza da sociedade civil e do envolvimento cívico. Quando uma pessoa considera os serviços executados por funcionários públicos, e por cidadãos posicionados por meio de programas específicos do governo, para trabalho voluntário, a importância dessa faceta do universo do trabalho voluntário se torna muito clara. ■

---

*Susan J. Ellis é a presidente da Energize, Inc., uma empresa de treinamento, consultoria, e editora, sediada em Filadélfia, especializada em trabalho voluntário. A Energize age em nível internacional, prestando assistência a clientes do setor das entidades sem fins lucrativos, da esfera governamental e do setor empresarial, para o desenvolvimento ou o fortalecimento de trabalhos voluntários de todos os tipos. Ellis é a co-autora de nove livros, e escreve uma coluna de âmbito nacional, chamada On Volunteers, publicada no TheNonProfit Times. O site da Energize na web é [www.energizeinc.com](http://www.energizeinc.com).*



---

# ENCONTRANDO TEMPO

GENE ROSE

Uma pessoa pára de analisar números e vai andar de bicicleta. Outra troca o martelo de juiz por um taco de hóquei. E uma terceira pessoa tira a gravata e veste um uniforme.

No país inteiro, legisladores estaduais e os funcionários dos seus gabinetes – sem fazer muito alarde – estendem o seu compromisso com o serviço público além do horário comercial normal, em um esforço para que as suas comunidades e estados se tornem lugares melhores para se viver. Eles participam de tudo, de leilões a jantares, e às vezes até fazem exercícios físicos, em prol de causas do estado e da comunidade.

Como todos os americanos que dedicam tempo, energia e dinheiro às suas organizações favoritas, o trabalho de caridade das pessoas envolvidas com a legislatura estadual freqüentemente é feito nos bastidores e sem que o público em geral saiba. Aqui estão alguns exemplos que chegaram às nossas mesas

## ENVOLVIDA PESSOALMENTE

Como é que uma mulher de 55 anos, que sobreviveu ao câncer de mama, continua levando a vida após duas mastectomias em seis anos? Se essa mulher é Mary Noble, vice-auditora do estado da Califórnia e presidente da National Legislative Program Evaluation Society [Sociedade Nacional Para a Avaliação do Programa Legislativo], ela anda de bicicleta centenas de quilômetros, atravessando a parte central do Alasca para levantar fundos para ajudar outras pessoas que estão lutando contra a

doença.

Este ano, Noble se unirá a 19 outras mulheres, a maioria das quais sobreviventes do câncer da mama, em uma viagem de bicicleta de seis dias, e 560 quilômetros, patrocinada pelo Fundo Contra o Câncer da Mama [Breast Cancer Fund], uma organização baseada em São Francisco. As ciclistas iniciarão o trajeto perto do Monte McKinley, passarão por Fairbanks e irão até o porto de Valdez; elas terminarão a viagem, após uma travessia de balsa, na cidade de Anchorage. Noble está planejando carregar consigo, durante a viagem, os nomes das sobreviventes do câncer da mama, assim como os nomes das vítimas da doença. Embora o seu prognóstico para recuperação completa seja bom, ela diz: “Você tem que viver com [o câncer da mama] e esperar o melhor.”

Doações para a sua viagem pelo Alasca excederam, em muito, a sua meta inicial. “Nunca, nem nos meus sonhos mais fantásticos, eu pensei que isso poderia acontecer,” ela diz, citando doações de amigos e colegas de trabalho, bem como de “pessoas de quem eu nunca tinha ouvido falar”, pessoas até de Nova York.

Outra válvula de escape para Noble inclui sua participação em provas de triatlo (competições de distância/velocidade de três segmentos, envolvendo natação, ciclismo e corrida), uma atividade na qual ela se iniciou há cinco anos. Na verdade, apenas uma semana após o seu retorno do Alasca, ela participará de uma prova de triatlo em San José, Califórnia. O evento faz parte de uma série de âmbito nacional em prol da Susan G. Komen Breast Cancer Foundation [Fundação Susan G. Komen, Contra o Câncer da Mama].

## INDO AO ENCONTRO DOS ÍDOLOS DA INFÂNCIA

Um jogo de hóquei beneficente entre um time de

legisladores e ex-legisladores, e funcionários do legislativo -- conhecido como "State Capitol Sticks" -- e ex-jogadores do time profissional do Detroit Red Wings, da Liga Nacional de Hóquei [National Hockey League] foi organizado por Curtis Hertel, líder da Assembléia Legislativa de Michigan, pelos proprietários do Red Wings e pelo Hospice of Michigan [Hospital Para Doentes Terminais de Michigan]. O jogo resultou em uma doação de dez mil dólares para a entidade sem fins lucrativos que cuida de pessoas portadoras de doenças incuráveis.

Membros dos Sticks doaram dinheiro para ter o direito de jogar contra famosos ex-jogadores do Red Wings como Gary Bergman, Alex Delvecchio e Dennis Hextall. O restante da verba foi captada de fãs que assistiram ao jogo, às vezes competitivo, mas sempre divertido, que resultou em um vitória do Red Wings por 15 a 13.

"Foi realmente uma honra participar de um jogo beneficente, de um esporte que nós amamos", diz o líder Hertel, "especialmente contra um grande time, formado por ex-integrantes do Red Wings."

O Sticks vem captando recursos em jogos beneficentes de hóquei desde 1994.

#### COMPETIÇÃO POR UMA BOA CAUSA

O Missouri, como muitos outros estados, realiza eventos beneficentes para dar aos legisladores e funcionários do legislativo uma oportunidade de competir e se confraternizar fora do ambiente do legislativo. Um torneio de beisebol, jogos de basquete, campeonatos de boliche, e até mesmo um campeonato de tiro, ocorrem anualmente para captar recursos para várias instituições de caridade. Os fundos levantados pelo torneio de beisebol deste ano foram doados para o Emily Stoll Scholarship Fund [Fundo Emily Stoll de Bolsas de Estudo]; o fundo tem o nome da filha do deputado Steve Stoll, que faleceu em um acidente automobilístico em 1997.

Stephen Pruice, diretor de Orçamento da Assembléia Legislativa, e sua equipe, coordenam um torneio anual de vôlei por meio do qual já foram captados quatro mil dólares para financiar a pesquisa de fibrose cística, durante alguns anos. Parte da cerimônia do torneio inclui a entrega de camisetas às crianças que a organização trabalha para ajudar. Algumas das crianças reconhecidas nos torneios anteriores já faleceram, vítimas da doença.

"O aspecto humano da situação realmente está chegando mais perto," diz Price. "De repente algumas dessas crianças já não estão mais aqui."

Price faz parte dos conselhos de várias instituições de caridade, incluindo Score Against Hunger [Ponto Contra a Fome]. O programa, no qual as doações são baseadas no número de pontos feitos pelo time de futebol americano da Universidade de Missouri-Columbia, capta recursos para o Banco de Alimentos da Região Central de Missouri [Central Missouri Food Bank].

Outros eventos esportivos relacionados ao legislativo, como torneios de golfe, são realizados para levantamento de fundos. Steve Gaw, o líder da Assembléia, supervisiona o Hall of Famous Missourians, uma exposição, no capitólio, dos residentes famosos do estado no decorrer da história. O seu torneio capta recursos para comissionar novos bustos de bronze. Gaw e outros parlamentares também participam de um programa que promove a alfabetização nos seus distritos legislativos.

"Além de ser importante, para as crianças, ter um interesse pela leitura, as sessões proporcionam uma oportunidade de ouvir as crianças," ele diz. "Parece que elas não têm nenhum problema em dizer o que pensam sobre qualquer coisa. E quando você lê uma história, especialmente quando se trata de uma história que apresenta uma mensagem, elas demonstram um grande poder de percepção."

#### REAGINDO ÀS TRAGÉDIAS

No Maine, as mortes não relacionadas e inesperadas do deputado Stephen Gould e do funcionário da assembléia legislativa David Michaud resultaram no que hoje se chama Fundo de Bolsas de Estudo em Memória do Legislativo [Legislative Memorial Scholarship Fund]. Leilões realizados desde 1981 são usados para captar recursos para as bolsas de estudo, que inicialmente só se encontravam disponíveis em duas universidades estaduais.

O legislativo formou um comitê de bolsas de estudo em 1995 para supervisionar o fundo, que agora oferece bolsas de estudos para residentes do estado que estejam freqüentando qualquer universidade ou faculdade reconhecida. Dezesseis bolsas de estudo no valor de quinhentos dólares, uma para cada condado, são distribuídas todos os anos. O leilão de 1998 resultou na captação de mais de sete mil dólares.

Em abril próximo passado, Mike Mass, deputado do estado de Oklahoma, ajudou a promover um evento para captar recursos para uma criança conhecida como “Bebê K,” que sobreviveu a um tiroteio no qual sua mãe e o namorado da sua mãe foram mortos. O evento resultou na captação de US\$10,000 para um fundo de educação para a criança.

Desde então, Mass, em conjunto com Judy Benson, esposa de Lloyd Benson, líder da assembléia legislativa, tem patrocinado eventos que captam dezenas de milhares de dólares para a Campanha de Oklahoma Para Crianças [Oklahoma Campaign for Kids]. Os valores captados são dedicados à prevenção de abuso de crianças, e serviços de apoio para as crianças vítimas de abuso e abandono.

Os Bensons também promovem um Baile anual do Líder, em Oklahoma [Speaker's Ball in Oklahoma], através do qual já foram captados mais de US\$360,000 para a Fundação de Excelência [Foundation for Excellence] nos últimos nove anos. Até o momento, essa iniciativa de captação de recursos tem dado um prêmio anual a escola de Oklahoma que tem o melhor programa de prevenção de evasão escolar. Agora, estão sendo captados recursos para um prêmio anual a ser dado ao melhor professor do ensino fundamental.

#### SERVINDO À PÁTRIA

Mike Coffman, que atualmente é senador do estado do Colorado, comemorou a sua reeleição como membro da Assembléia Legislativa do Colorado em 1990, nas areias do Kuwait. Na condição de reservista do Corpo de Fuzileiros Navais quando a Guerra do Golfo eclodiu, ele mudou de atividade: da política, ele passou para uma função executiva. “As duas coisas equivalem a um combate,” ele diz.

Vários parlamentares no país inteiro também são membros da Guarda Nacional. John Goheen, porta-voz da Associação da Guarda Nacional, diz que a Guarda Nacional tem muitas “pessoas que se preocupam com as suas comunidades, estados e nação. E você verá muitas dessas mesmas pessoas trabalhando no setor público. É extremamente natural, para as pessoas que dedicam suas vidas ao serviço público, fazer parte da Guarda.”

#### APRENDENDO NA LEGISLATURA

“Quando iniciei a minha primeira sessão, eu percebi que ninguém estava exercendo pressão política para defender os interesses das crianças e nem das vítimas,” diz Florence Shapiro, senadora do Texas. “Eu percebi que muitas coisas ainda precisavam ser feitas – e que essas coisas não podiam ser feitas na legislatura .”

Uma vez por semana ela vai a uma escola em Plano, onde foi prefeita antes de ser eleita para o senado, para trabalhar como instrutora e orientadora de uma criança. As sessões de 90 minutos têm como ênfase a leitura, a ortografia, e conversas sobre as experiências da vida.

Shapiro, que tem três filhos crescidos, começou a doar seu tempo a organizações como o Centro de Defesa de Idéias do Condado de Collin [Collin County Advocacy Center], que presta assistência a crianças vítimas de abusos e maus tratos, e um centro contra violência doméstica chamado Family Place. Ela e uma das suas filhas trabalham como voluntárias dois sábados por mês no Centro Médico Infantil [Children's Medical Center] em Dallas.

A agência de propaganda da senadora do Texas freqüentemente presta serviços a essas organizações, gratuitamente. Esses serviços incluem a impressão de brochuras e a redação de press releases.

“Freqüentemente grupos como este precisam de porta-vozes e de alguém que defenda as e divulgue as suas idéias,” ela diz..

#### RESPONDENDO AO CHAMADO

Para cada história que contamos aqui, há centenas de outros exemplos de legisladores e assessores parlamentares que, altruisticamente, doam seu tempo, dinheiro, e trabalho às suas comunidades.

“Todos têm um dever em relação ao resto da humanidade. Todos devem fazer alguma coisa para compensar o que receberam,” diz Gaw, o líder da assembléia de Missouri. “Acho que o serviço público, e o ato de repagar alguma coisa ao seu estado e país é uma coisa que é importante se quisermos que este seja um lugar melhor para todos, inclusive para aquele que está contribuindo com o seu tempo e esforço.”

Mas servindo na legislatura, ele diz, “você vê coisas excelentes que estão sendo feitas e coisas que requerem melhoria. Servindo na legislatura, você consegue compreender melhor as coisas e tem mais condições de fazer alguma coisa sobre elas.”

O senador Coffman, do Colorado, concorda, “Sendo um legislador, você se acostuma a fazer

---

sacrifícios,” ele diz. “Eu acho que o tipo de pessoa que é atraído pelo serviço público na legislatura é o tipo de pessoa que está disposta a servir em várias funções, seja à comunidade, ao estado ou à nação.” ■

---

*Gene Rose é diretor de relações públicas da Conferência Nacional de Legislaturas Estaduais [National Conference of State Legislatures]. O assessor parlamentar Scott Liddell e os assessores de imprensa das assembleias legislativas de vários estados contribuíram para a elaboração deste artigo.*

---

# O TRABALHO VOLUNTÁRIO



# A COMUNIDADE EMPRESARIAL DOS EÇA

BETTY B. STALLINGS

*“Precisamos avançar além dos muros da empresa...com a mesma energia e comprometimento que investimos para construir a empresa circundada por esses muros. Avançar além dos muros não é uma questão de altruísmo; trata-se de interesse próprio esclarecido, uma necessidade de negócios.”*

— Peter F. Drucker, especialista em administração.

Um “exército” cada vez maior, de funcionários-voluntários, está trabalhando em comunidades em todos os Estados Unidos. Usando camisetas com logotipos de empresas, eles removem vestígios de pichação, recolhem e distribuem alimentos para os que têm fome, constroem casas para os pobres, coordenam e prestam serviços em competições esportivas para os deficientes, ou ensinam crianças - portadoras de dificuldades de aprendizado - a ler.

Durante anos, o trabalho voluntário executado por empregados foi considerado uma atividade periférica. No entanto, pesquisas recentes sobre a finalidade, o valor e o impacto desse movimento dos funcionários das empresas, têm demonstrado que ele tem valor estratégico para a comunidade, para as empresas e para os próprios participantes.

Um programa de funcionários-voluntários é qualquer esforço formal ou organizado por uma

empresa para os seus empregados ativos e aposentados que desejam contribuir com o seu tempo e habilidade, prestando serviços à comunidade. Tal apoio pode incluir:

- prestação de serviços na qualidade de agência de informações e indicações para oportunidades de trabalho para voluntários em comunidades nas quais a empresa esteja situada e opere.
- desenvolvimento e gerenciamento de projetos de trabalho em grupo para funcionários-voluntários, como dias de limpeza.
- programas de reconhecimento para demonstrar gratidão aos empregados que se apresentam como voluntários.
- atividades de formação de equipes e desenvolvimento de recursos humanos em função de projetos de trabalho voluntário.

É cada vez mais comum ver as empresas dispensarem empregados durante o dia, ou mais cedo no final do dia, para executar esses trabalhos voluntários. Estudos recentes indicam que mais de 50 por cento das maiores firmas dos Estados Unidos têm uma política para liberação de empregados por

um certo tempo.

#### A EVOLUÇÃO DO TRABALHO VOLUNTÁRIO DOS EMPREGADOS

O desenvolvimento deste tipo de serviço se originou do reconhecimento cada vez maior, no início deste século, da interdependência inerente entre as empresas e as comunidades. A estabilidade e o sucesso das empresas estão intimamente ligadas ao ambiente econômico e social das comunidades onde elas operam.

Os primeiros esforços filantrópicos tinham uma ênfase maior na doação de dinheiro do que na doação do tempo dos voluntários. Havia um enfoque em se doar, ou em fazer serviços em espécie, a uma variedade de causas, em vez de criar um interesse de nicho em um determinado setor como a educação ou a saúde.

Entre 1970 e 1980, sob a liderança da “declaração de responsabilidade” da organização Business Roundtable [Mesa-Redonda das Empresas], o termo “empresa socialmente responsável” sugeria uma estratégia empresarial em relação à comunidade, baseada em um público-alvo que envolvia clientes, fornecedores, comunidades, e acionistas. (A Business Roundtable é uma associação de executivos-chefes das principais empresas dos Estados Unidos, que examinam e desenvolvem posições que procuram refletir princípios sociais e econômicos sólidos.)

Na década seguinte, a American Express Corporation criou a expressão “marketing relacionado a causas,” descrevendo a relação mutuamente benéfica entre os patrocínios e as promoções para as entidades sem fins lucrativos e as causas sociais. Por causa do descrédito a respeito dessa atividade aparentemente egoísta, o setor empresarial – na década de 90 – passou a adotar estratégias mais dirigidas a questões, com enfoque em uma questão da comunidade particularmente relevante para a empresa. (Por exemplo, uma empresa do ramo farmacêutico poderia contribuir com verbas e trabalho voluntário para causas relativas à saúde.)

Mais recentemente, o enfoque é direcionado à criação de programas paralelos aos objetivos estratégicos da empresa, enfatizando parcerias com organizações comunitárias. Criando iniciativas do tipo “joint venture” com entidades sem fins lucrativos, agora as empresas podem compartilhar seus recursos de maneiras novas e criativas que estimulam novos ganhos para elas mesmas, para seus empregados e para a comunidade.

Durante a década de 90, a prática de prestação de serviços por empregados cresceu enormemente. As porcentagens das contribuições em dinheiro e outras mudaram de 80/20 na década de 80 para 60/40 na década de 90. (Corporate Philanthropy Report, 1996 [Relatório de Filantropia Empresarial, 1996]). Durante o governo do presidente George Bush, o trabalho voluntário originário das empresas recebeu um impulso do Escritório de Serviços Nacionais [Office of National Service], e da Fundação Pontos de Luz [Points of Light Foundation], cuja formação o presidente Bush apoiou, para promover o trabalho voluntário.

Um relatório de 1993, do Conference Board [Conselho de Conferências] (um grupo sem fins lucrativos, que não foi formado para defender nenhuma idéia específica; trata-se de uma das principais organizações empresariais e de pesquisa do mundo, com grande número de empresas-membros; o Conference Board reúne os principais executivos de mais de 2.900 empresas em mais de 60 países, através das suas publicações e reuniões) e da Points of Light Foundation revelou o seguinte:

- 92 por cento dos executivos consultados estimulava seus subordinados para que eles se envolvessem com serviços comunitários.
- 77 por cento das empresas concordam com uma coisa: programas de trabalho voluntário trazem benefícios para os objetivos estratégicos da empresa.
- descobriu-se que aproximadamente quatro quintos dos programas de trabalho voluntário avaliados melhoravam a capacidade da empresa de manter seus empregados e de aperfeiçoar o treinamento.
- aproximadamente metade dos executivos consultados fizeram com que o serviço comunitário fizesse parte das declarações de missão das suas empresas.
- 31 por cento dos executivos consultados afirmaram que usam programas de trabalho voluntário como parte da estratégia para tratar de questões críticas para a companhia.

□ mais da metade confirma a relação entre os programas de trabalho voluntário e a lucratividade. Um número ainda maior concordou quanto ao fato de que os serviços prestados pelos empregados serviam para elevar o moral da empresa, desenvolver o trabalho em equipe e a produtividade.

O estudo mais recente, uma pesquisa feita em 1997 pelo Centro Universitário de Boston de Relações das Empresas com a Comunidade [Boston College Center for Corporate Community Relations], indicou que a mais significativa entre as novas tendências é um aumento no número de empresas que, no momento, estão atribuindo recursos à cidadania empresarial global. Mais de quatro entre dez empresas com operações multinacionais possuem um programa estabelecido de relações com a comunidade nas suas filiais no exterior. Outra característica que ocorre no nosso país, é o apoio, cada vez maior, às relações com a comunidade, por parte dos principais executivos. Atualmente, as questões mais críticas para a comunidade empresarial são a educação, a assistência médica, o treinamento profissionalizante, o desenvolvimento econômico, o crime, o meio ambiente, o analfabetismo, a dependência química e os cuidados com as crianças.

#### ALGUNS PROGRAMAS DE TRABALHO VOLUNTÁRIO PARA FUNCIONÁRIOS QUE SERVEM DE EXEMPLO

Os atuais estudos e pesquisas que envolvem as empresas do grupo “Fortune 500” – as empresas que mais se destacam nos Estados Unidos – revelam um número, que cresce exponencialmente, de programas de trabalho voluntário para funcionários. A atividade que, de longe, mais atrai o envolvimento das empresas é a educação. Mas o trabalho voluntário executado por funcionários é um fator essencial nas áreas de saúde, serviços humanos, desenvolvimento econômico, as artes e o meio ambiente. Por exemplo:

□ A Allstate Insurance Nationwide se dedica, especificamente às questões urbanas. Ela participa de projetos de revitalização de bairros, proporciona assessoria a proprietários de imóveis de baixa renda sobre planos criativos de financiamento, e

proporciona ajuda quando necessário em situações de calamidade pública.

□ A Adolph Coors Company, fábrica de bebidas, está proporcionando treino de liderança para as instituições de ensino superior freqüentadas principalmente por afro-americanos.

□ A área de trabalho voluntário da Lucent Technologies patrocina um “dia global de atenção” uma vez por ano, envolvendo 10.000 empregados e aposentados em projetos comunitários em 25 estados americanos e 17 outros países.

□ A Honeywell, Inc., em parceria com a organização Habitat for Humanity, sediada em Atlanta, reuniu 4.000 empregados e voluntários aposentados para construir residências de baixo custo no mundo inteiro.

□ A Target, uma empresa do ramo de mercadorias, possui equipes de “bons vizinhos” que selecionam escolas que mereçam apoio e em seguida assinam um contrato de um ano para ajudá-las no que for preciso.

□ A empresa Hewlett-Packard, do ramo de eletrônica, criou um programa de aulas particulares por e-mail que permite a comunicação entre empregados e alunos da 5ª série do primeiro grau até a 3ª série do segundo grau. Todas as comunicações entre os alunos e os voluntários são feitas por e-mail.

□ A Home Depot, empresa de âmbito nacional, fornecedora de materiais de construção e de uma variedade de equipamentos de uso doméstico, trabalha em conjunto com a Habitat for Humanity em 60 cidades nos Estados Unidos e no Canadá para construir casas para indivíduos de baixa renda – doando verbas, materiais de construção, conhecimentos especializados e serviços de empregados altamente qualificados.

□ A Transmedia Network, uma empresa que atua na área de tíquetes de alimentação com desconto, envolve as crianças mais velhas em um programa de aulas particulares para estimular as crianças mais novas a ler.

□ A Merck e a Eli Lilly, empresas do ramo farmacêutico, cede executivos a entidades sem fins lucrativos, durante um certo tempo, para trabalho voluntário.

## OS BENEFÍCIOS DO TRABALHO VOLUNTÁRIO EXECUTADO POR EMPREGADOS

**A** comunidade se beneficia de três maneiras. Primeiro, esses programas têm trazido novos talentos, habilidades e mais energia a vários locais, especialmente no que se refere à administração e à tecnologia. Segundo, eles têm proporcionado grupos de trabalhadores voluntários para tipos de assistência vital que pode ser prestada em um dia – limpezas na orla marítima e ajuda em eventos especiais, por exemplo. Terceiro, eles têm unido as empresas e as comunidades como parceiros, melhorando o modo de vida de todos os moradores das áreas em que são implementados.

No que diz respeito aos benefícios para as empresas, agora temos uma imagem muito mais definida após muitas pesquisas e estudos – especialmente na década de 90. Os programas de trabalho voluntário podem dar um impulso aos objetivos estratégicos da empresa (boa cidadania empresarial, por exemplo), e portanto são vistos como elementos integrais, e não periféricos. Esses projetos podem construir – e constroem – credibilidade pública para a empresa, e aumentam o reconhecimento do nome. Além disso, eles têm a vantagem de atrair novos talentos para a empresa, motivar os empregados, e realçar o desenvolvimento profissional para o corpo gerencial, tanto no nível médio quanto superior.

A General Mills (indústria de produtos alimentícios) e a FedEx (serviço privado de entrega de correspondência, de âmbito mundial) descobriram que seus programas de prestação de serviços à comunidade fortaleciam as habilidades dos empregados no tocante à liderança, trabalho de equipe, organização e tomada de decisões. A Intel Corporation (tecnologia na área de informática) descobriu que seus funcionários-voluntários tinham mais habilidade em comunicação, gerenciamento do tempo, negociação, elaboração de orçamentos e distribuição de recursos. Além disso, os estudos da Intel revelaram maior compreensão e respeito pela diversidade, e maior afirmação da capacidade pessoal de crescimento.

Os próprios empregados também se beneficiam, e muito. Por meio do seu trabalho voluntário, eles têm desenvolvido novos contatos profissionais, adquirido experiência em planejamento estratégico, têm feito contato com líderes da comunidade, e têm aprendido a lidar com um público-alvo até então desconhecido. Existe, também, uma forte ligação, entre a saúde física e mental e a participação em atividades voluntárias.

Mas à medida que o ambiente de trabalho e os empregados evoluem – isso é o que tem ocorrido invariavelmente com o tempo - alguns desafios ainda precisam ser enfrentados pelas empresas e pelos seus empregados na sua interação com as comunidades.

Questões de gerenciamento interno – reduções de efetivo e fusões – são uma categoria. Os programas para funcionários-voluntários acabam sendo a cola que une as empresas e as pessoas em tempos de crise gerencial – tornando-se um ponto de orgulho, renovação e desenvolvimento de equipe. A Timberland, empresa do ramo de calçados e vestuário, e a IBM Corporation são exemplos de firmas cujos projetos de trabalho voluntário têm sido âncoras institucionais.

A natureza e a transformação dos efetivos das empresas, de empregados com muitos anos de serviço, seguros e leais, em indivíduos com maior mobilidade, tem criado desafios e modificado a estrutura de alguns programas de trabalho voluntário. No entanto, na maioria dos casos, essas atividades têm dado aos novos empregados a oportunidade de conhecer seus correspondentes mais antigos, criando assim, rapidamente, uma noção desejada de identidade comunitária na empresa.

Com as fronteiras entre os países ficando menos nítidas, e com o avanço da globalização no ambiente empresarial, os programas de cidadania empresarial e outras iniciativas sociais internacionais de caráter inovador estão sendo bem aceitas como novos parâmetros para concorrência.

Embora, no passado, só existissem poucas provas que documentassem o valor estratégico dos programas de cidadania empresarial, o quadro está ficando mais claro. Um grande esforço, *Measuring the Value of Corporate Citizenship* [Medindo o Valor da Cidadania Empresarial], foi publicado pelo Conselho das Fundações [Council on Foundations] em 1994. Hoje, o ambiente empresarial exige que cada departamento e função meça os seus resultados, e isso está acontecendo. A Fundação Pontos de Luz [Points of Light Foundation] e o Centro Universitário de Boston de Relações das Empresas com a Comunidade [Boston College's Center of Corporate Community Relations] se uniram em um esforço de dois anos para desenvolver ferramentas e processos de avaliação de programas que os gerentes das empresas possam usar para determinar, quantitativa e qualitativamente, o retorno do investimento em programas para funcionários-voluntários. Outro estudo, que serve como padrão, desenvolvido pelo Boston College Center e pelo Centro Americano de Produtividade e Qualidade [American Productivity and Quality Center] tem



---

como objetivo determinar as práticas ideais para os programas de relações das empresas com as comunidades em toda a nação.

“Pela primeira vez”, Craig Smith, presidente da organização Corporate Citizen (Cidadania Empresarial) observou recentemente na revista Harvard Business Review, “as empresas estão bancando iniciativas filantrópicas com o verdadeiro poder empresarial.”. Esse poder inclui, de maneira muito significativa, legiões de funcionários-voluntários. Nas suas atividades fora do local e do horário de trabalho eles estão encontrando novos valores, adquirindo nova força e satisfação. ■

---

*Betty B. Stallings é instrutora, consultora e autora especializada em trabalho voluntário, captação de recursos para entidades sem fins lucrativos, desenvolvimento e liderança de conselhos. Ela reside na área de São Francisco, Califórnia.*



ESCOLAS, UNIVERSIDADES



# TRABALHO VOLUNTÁRIO

TERRY PICKERAL

*Jonathan testa a qualidade da água em um riacho a noroeste de Washington, D.C., como parte de um projeto de aprendizado de prestação de serviços da oitava série do primeiro grau. Para se preparar para essa atividade, Jonathan estudou princípios básicos de biologia e a ecologia dos pântanos nas suas aulas de ciências. Nas aulas de comunicação, ele fez uma pesquisa sobre a maneira pela qual as bacias hidrográficas afetam a saúde da comunidade. Nas aulas de estudos sociais, ele se uniu a um grupo de colegas para examinar as estratégias bem-sucedidas que os cidadãos locais empregam para melhorar a qualidade da água dos riachos locais.*

*Juanita, uma aluna do segundo ano de uma grande universidade, trabalha como voluntária, durante quatro horas por semana, em um abrigo para os sem-teto. Tendo conhecido o abrigo e os seus serviços por meio de um curso de sociologia, Juanita aprendeu a respeito das várias causas que levam os indivíduos à condição de sem-teto, e ficou perplexa ao descobrir a quantidade de crianças que não tinham um lar. Após completar um trabalho de pesquisa sobre as crianças sem-teto, e compartilhando suas conclusões com uma coalizão da comunidade, ela se ofereceu para dar aulas de*

*reforço a crianças em uma escola para alunos de famílias sem-teto..*

**A**tualmente, o sistema educacional nos Estados Unidos proporciona a alunos como Jonathan e Juanita a oportunidade de se envolverem na prestação de serviços à comunidade, que sejam relacionados às matérias que estão estudando. O resultado é que os jovens estão desenvolvendo uma ética de prestação de serviços e cidadania enquanto passam pela rotina acadêmica. Mas isso não é novidade: o ensino público nos Estados Unidos, na verdade, sempre se baseou no princípio da educação dos jovens para a cidadania. E esse princípio prevalece em todo o meio educacional.

## ENSINO FUNDAMENTAL E SECUNDÁRIO

Tradicionalmente, as escolas envolvem os alunos na prestação de serviços à comunidade. Campanhas para arrecadação de alimentos, projetos ambientais, trabalhos comunitários de jardinagem, auxílio aos idosos e programas de aulas de reforço, estão entre as atividades mais comuns.

O estado de Maryland, na verdade, transformou o serviço comunitário em um requisito para a conclusão do curso secundário. Todos os alunos do sistema de ensino público do estado precisam completar 75 horas de prestação de serviços entre a 6ª série do primeiro grau e a 3ª série do segundo



grau. Muitas escolas particulares também adotaram esse sistema.

A experiência de Jonathan, acima descrita, é conhecida como aprendizado de prestação de serviços – a coordenação de experiências de prestação de serviços cuidadosamente organizadas com o currículo acadêmico. De acordo com a Corporation for National Service (CNS), um órgão do governo americano que estabeleceu o aprendizado da prestação de serviços como parte do mandato da Constituição, este método “reforça a matéria ensinada nas escolas estendendo o aprendizado além da sala de aula...[e ajudando a]...estimular o desenvolvimento de uma noção de ajuda ao próximo.”

O aprendizado da prestação de serviços ocorre em função de várias iniciativas convergentes, interesses, e pesquisas na reforma educacional; entre esses itens destacam-se uma nova ênfase no desempenho mensurável e o desenvolvimento do caráter e da cidadania. As organizações estaduais e federais já começaram a encorajar e a apoiar a prestação de serviços e o respectivo aprendizado, e os professores estão recebendo treinamento nessa área.

Segundo estatísticas recentes da CNS, mais de três quartos de milhão de alunos de escolas primárias e secundárias estão envolvidos em algum tipo de serviço comunitário. Cada aluno que participou do aprendizado de prestação de serviços em 1997 contribuiu, em média, com mais de 15 horas de serviços relacionados aos cursos e programas de estudo.

Várias pesquisas indicam que o aprendizado da prestação de serviços tem, definitivamente, um impacto positivo nos alunos. Os estudos demonstram que esse fenômeno resulta na melhoria do desempenho acadêmico, aquisição de conhecimentos sobre os serviços prestados, progresso em termos de pensamento avançado, maior responsabilidade social e cívica, maior aceitação da diversidade cultural, e fortalecimento da auto-estima. Em última análise o que interessa é o envolvimento, e não apenas estar exposto à atividade.

Shelley Berman, superintendente das Escolas Públicas de Hudson (Massachusetts) e presidente do Pacto para Aprendizado e Cidadania [Compact for Learning and Citizenship], explicou recentemente como o aprendizado da prestação de serviços estava integrado à rede de ensino de Hudson, envolvendo 80 por cento do corpo discente durante o ano letivo de 1996-97.

“Estamos criando uma abordagem consistente, que compreende todo o sistema, para que uma ética de prestação de serviços e uma ética de assistência seja mantida desde a pré-escola até a conclusão da escola secundária,” Berman observou.

“Os professores de cada nível desenvolvem as suas próprias iniciativas. Os alunos da pré-escola, este ano, estão participando de um programa de conscientização de deficiências que está angariando fundos para a March of Dimes [Marcha das Moedas] [uma organização de âmbito nacional que apóia a pesquisa de poliomielite], um programa de reciclagem administrado pelos alunos, relacionado com a unidade de ciência dos estudos ambientais, e uma campanha para a arrecadação de brinquedos para o Natal, relacionada com a unidade de estudos sociais voltada para a comunidade.”

Berman observa que o verdadeiro aprendizado da prestação de serviços “ajuda os alunos a estabelecer a ligação entre o que eles estão estudando na sala de aula e as questões que são encontradas na vida prática. O aprendizado envolve os alunos na ação e na reflexão...e faz com que os educadores vejam os alunos não como futuros cidadãos, mas como membros ativos da sua comunidade.”

#### VOLUNTÁRIOS NAS ESCOLAS

**E**m todos os Estados Unidos, organizações fraternais da comunidade, cívicas e de prestação de serviços têm direcionado muitos dos seus esforços de trabalho voluntário para as escolas. Além disso, existem as iniciativas de âmbito nacional (como a America Reads) que coloca os voluntários nas escolas para melhorar o desempenho escolar dos alunos.

Para ajudar os voluntários e para fazer com que os seus gestos sejam tão benéficos quanto possível, a Associação Americana de Administradores Escolares [American Association of School Administrators] está, no momento, trabalhando para identificar os “elementos essenciais” para o trabalho voluntário nas redes de ensino. Isso segue um estudo, no início da década de 90, que investigou três áreas nas quais os voluntários seriam, potencialmente, mais eficazes: na instrução real; na melhoria do comportamento e assiduidade na sala de aula; e afetando de maneira positiva os métodos de ensino e até mesmo as atitudes do público em relação à educação.

Os voluntários nas escolas voltam a envolver o público na educação, contribuem com novas idéias para tratar das melhorias na escola, criam uma noção mais ampla de apoio à comunidade, e melhoram as relações entre a escola e a comunidade.



## ENSINO SUPERIOR

As faculdades e universidades nos Estados Unidos têm uma saudável tradição de trabalho voluntário por parte dos alunos, desde serviços de emergência prestados conforme a necessidade até compromissos a longo prazo. As organizações de alunos, sociedades de honra, fraternidades e irmandades, unidades residenciais, e outros grupos nos campi, encorajam ou exigem que os jovens dêem alguma coisa em retribuição, à comunidade na qual a escola está situada.

Em 1985, um pequeno grupo de presidentes de faculdades e universidades formou o Campus Compact [Pacto do Campus], de âmbito nacional, uma associação dedicada à prestação de serviços e ao respectivo aprendizado, baseados no campus. Hoje, esse grupo, com aproximadamente 600 membros, organiza encontros e convoca institutos nacionais e estaduais de desenvolvimento de professores universitários para encorajar e apoiar o envolvimento com a comunidade e o aprendizado da prestação de serviços. Além disso, o Campus Compact também inicia projetos que tratam de atividades específicas dentro da prestação de serviços – como aulas de reforço ou o desenvolvimento de cooperação entre o campus e a comunidade – e produz e distribui os materiais necessários para o desempenho dessas atividades.

As estatísticas de 1997-98 referentes aos estudantes nas escolas do Campus Compact impressionam. Por exemplo:

❑ Os alunos dos cursos de graduação contribuíram com 29 milhões de horas de serviços prestados.

❑ 284.000 alunos de cursos de graduação participaram de atividades contínuas de prestação de serviços às comunidade, e 316.000 se envolveram em projetos de um só evento.

❑ Quase 11.000 membros do corpo docente estiveram envolvidos no aprendizado de prestação de serviços, e quase 12.000 cursos de aprendizado de prestação de serviços se encontravam à disposição dos alunos de cursos de graduação.

O paralelo a essa organização de presidentes é o Campus Outreach Opportunity League [Liga de Oportunidades de Envolvimento Com a Comunidade no Campus] (COOL), que reúne estudantes universitários envolvidos em projetos de prestação de serviços. A COOL, fundada em 1984, é dedicada à educação, à atribuição de poderes e à mobilização

de homens e mulheres no campus com relação à prestação de serviços à comunidade – para aumentar a participação e para promover o ativismo incessante. A COOL atinge os seus objetivos, em geral, por meio de uma conferência nacional com oficinas e sessões de estabelecimento de redes de relações, publicações, programas regionais e um programa de liderança para treinar e manter coordenadores de campus.

O sucesso e o interesse contínuo no aprendizado da prestação de serviços nos campi universitários estão diretamente relacionados às missões das instituições, à função assumida pelos membros do corpo docente, ao ensino e ao aprendizado eficazes, e às prioridades que as instituições tiverem estabelecido. Uma missão pode citar um quociente de cidadania. Os membros do corpo docente são estimulados por uma noção de responsabilidade e possíveis recompensas – incluindo promoção e estabilidade. Quanto mais o aprendizado da prestação de serviços estiver alinhado com as prioridades institucionais, maior será a probabilidade de ele ser adotado com interesse pelos alunos, professores, e funcionários.

### O FUTURO

No decorrer dos últimos cinco anos, têm surgido sinais animadores com relação ao valor e à missão ampliada da prestação de serviços e do respectivo aprendizado nos campi universitários. Considerando esse crescimento, não é difícil ver:

❑ o aprendizado da prestação de serviços mais proximamente ligado à maneira pela qual os professores ensinam e os alunos aprendem.

❑ mais escolas treinando membros atuais e futuros do corpo docente na pedagogia da prestação de serviços.

❑ mais instituições às voltas com o conflito entre estabelecer a prestação de serviço como um valor e exigí-la para a conclusão do curso.

❑ mais cidadãos comuns envolvidos nas atividades das escolas por meio do trabalho voluntário.

As escolas precisam mudar. Em vez de apenas expor os alunos a processos e conhecimento, elas devem envolvê-los em atividades que criam e estimulam o conhecimento. As comunidades devem ajudar as escolas a atingir seus objetivos, em vez de apenas observar e criticar. E os alunos devem desenvolver – enquanto ainda são jovens – uma



ética de prestação de serviços e cidadania que deve prevalecer pelo resto de suas vidas. Ao fazer isso, eles podem chegar até a escolher carreiras tendo como base as suas experiências na área de prestação de serviços.

Se as escolas e universidades envolverem os cidadãos e as comunidades como parceiros essenciais na educação, a prestação de serviços e o respectivo aprendizado passarão a agir como um poderoso catalisador para a melhoria das escolas e da comunidade. Nesse sentido, os desafios não são associados ao início, e sim à continuidade e ao aperfeiçoamento de um movimento. ■

---

*Terry Pickeral é presidente da Cascade Educational Consultants, uma organização de aprendizado de prestação de serviços em Bellingham, Washington. Ele é consultor sênior da Comissão de Educação dos Estados [Education Commission of the States], uma entidade sem fins lucrativos que proporciona informações sobre política educacional para legisladores estaduais. Ele também é membro, em nível nacional, da Corporation for National Service.*

---

# O AMOR PELA LEITURA UNE PARLAMENTARES



## ESTUDANTES

KATHLEEN KENNEDY MANZO  
*DE EDUCATION WEEK*

**A**pós passar uma manhã ocupado com uma votação importante na Comissão de Finanças do Senado dos Estados Unidos, presidindo audiências de confirmação para um candidato a um importante cargo no governo, e levantando questões em uma audiência sobre a legislação a respeito do fumo, o senador James M. Jeffords se encaminha rapidamente para o seu “almoço importante”, a poucos quarteirões do Capitólio.

Mas ele não está indo a um restaurante luxuoso em Washington, D.C. para se encontrar com lobistas ou eleitores importantes. Em vez disso, ele está se ausentando para passar uma hora na biblioteca de uma escola primária das redondezas, onde ficará profundamente envolvido em discussões com uma garota de 10 anos, enquanto eles compartilham um almoço na escola e o seu amor pela leitura.

Jeffords e sua jovem amiga, Sherryl Grant, uma aluna da quarta série da Escola Primária Robert Brent, se encontram uma vez por semana – à mesma hora, e no mesmo lugar. Eles lêem livros e falam sobre a escola e sobre os planos de Sherryl para o futuro. Esse é um dos mais importantes compromissos na sua atribulada agenda, Jeffords diz.

“Foi muito difícil vir aqui hoje,” ele reconhece, levando em consideração todas as outras coisas que

estavam na sua programação. “Mas esta hora é muito relaxante para mim, Isso é o que é mais compensador.”

Aproximadamente 440 assessores parlamentares, e aproximadamente uma dúzia de senadores passam uma hora por semana com alunos das escolas do Distrito de Colúmbia, participando de um programa chamado Everybody Wins [Todos Ganham]. Os senadores visitam 180 crianças na Brent Elementary que participam do programa Everybody Wins. A escola tem um total de 220 alunos. Os outros voluntários são distribuídos entre outras nove escolas públicas de Washington.

Este é o terceiro ano do programa na rede de ensino público de Washington. O programa Everybody Wins une funcionários do governo dos Estados Unidos e profissionais da comunidade empresarial a alunos, para aulas particulares, e para dar às crianças uma oportunidade de ler em voz alta. O programa também treina os pais para que eles reforcem a importância de se ler em casa.

Jeffords preside a Comissão de Trabalho e Recursos Humanos do Senado dos Estados Unidos [Labor and Human Resources Committee of the U.S. Senate], que fiscaliza a educação. Ele lançou o programa em Washington após ouvir falar do seu sucesso em Nova York. Um executivo do ramo têxtil chamado Arthur Tannenbaum criou o programa Everybody Wins em Nova York após ler, e se preocupar, sobre o declínio de desempenho em leitura dos alunos das escolas públicas em toda a

cidade de Nova York. Tannenbaum procurou o diretor da uma escola primária próxima do seu escritório, e perguntou se ele e alguns colegas podiam passar algum tempo lendo com as crianças. Ele escolheu a hora do almoço, a melhor hora que os empresários têm para sair do escritório, porque assim não seria preciso tirar os alunos das salas de aula.

O programa de Tannenbaum cresceu, incluindo 2.000 voluntários em mais de vinte escolas da cidade de Nova York. Tanto naquela cidade quanto em Washington, as empresas locais que participam ajudam a pagar a equipe do programa, incluindo um coordenador assalariado para cada escola.

Os voluntários comparecem religiosamente. *Everybody Wins* determina que os parceiros de leitura se comprometam a cumprir um ano letivo inteiro de visitas semanais aos alunos a eles designados. Muitos voluntários compartilham a tarefa com um colega ou funcionário para assegurar que alguém esteja disponível todas as semanas.

Enquanto Jeffords estava se reunindo com Sherryl Grant, o senador Edward M. Kennedy estava ajudando a sua parceira de leitura, Jasmine Harrison, da segunda série, a relacionar cuidadosamente os livros que ela já leu neste ano. Ele se lembrou, com orgulho do número de palavras novas que Jasmine teve que aprender com cada título, e se gaba da capacidade que ela possui de lembrar das palavras após tê-las visto somente uma vez.

“Eu me benefico mais das sessões de leitura com Jasmine do que ela,” diz Kennedy. “Venho aqui todas as terças-feiras,” diz Kennedy. “Isso é essencial.”

O comprometimento de Kennedy serviu de inspiração para a senadora Mary L. Landrieu – que está no início da sua carreira como senadora – a se envolver, também. O tempo que ela passa na escola trouxe uma nova perspectiva ao seu trabalho e ao impacto do seu trabalho além da Colina do Capitólio, ela disse.

“Eu achava que não seria possível fazer isso mais do que uma vez por mês,” Landrieu explicou. Ela

havia escalado um membro da sua equipe para ler com a sua parceira, Kishell Aslexander, nas outras ocasiões. “Mas agora,” Landrieu continuou, “eu não perderia essa hora nem por todo o dinheiro em Washington.” Há algumas coisas que você faz no Congresso [como parlamentar] cujo resultado você nunca vê. Mas eu posso vir aqui e ver Kishell, e vejo que ela progride a cada semana que passa.”

Kishell, a aluna da primeira série, demonstrou timidez quando lhe pedimos que falasse sobre si mesma e que dissesse porque gosta de ler. Ela cobriu a boca com a mão e deu um sorriso tímido para a entrevistadora. Mas em seguida ela começou a ler para Landrieu, e rapidamente passou a emanar entusiasmo e confiança. ■

---

*Kathleen Kennedy Manzo pertence à equipe de articulistas de Education Week. Este artigo é reimpresso, mediante permissão, de Education Week, Volume 17. Número 24, 4 de Março de 1998.*

---

# O TRABALHO VOLUNTÁRIO



## A RELIGIÃO:

### UMA PERSPECTIVA DO MEIO-OESTE DOS EUA

PAULA BEUGEN E JAY TCATH

*“Aprendemos muito sobre o bairro.”*

Essa foi a impressão de um jovem voluntário que participou de vários projetos Rebuild The City [Reconstruir a Cidade] no East Side [Lado Leste] de St. Paul, Minnesota, no decorrer dos últimos 18 meses, como parte do envolvimento da comunidade religiosa em atividades de revitalização de habitação e da comunidade nas cidades vizinhas [Twin Cities] de Minneapolis e St. Paul.

O voluntário, que faz parte do grupo de uma sinagoga, trabalhou em conjunto com cristãos e muçulmanos – construindo muros de arrimo e reformando e pintando casas. Indivíduos das vizinhanças e membros do programa nacional de prestação de serviços dos Estados Unidos, AmeriCorps foram parceiros na tarefa.

Esses projetos, particularmente, foram organizados por meio de uma parceria de vários grupos – específicos de alguma religião, envolvendo várias religiões, e organizações comunitárias. Formando um microcosmo, a parceria reflete o envolvimento do setor religioso em Minnesota não somente no que está acontecendo no meio-oeste dos Estados Unidos, mas também em nível nacional, e freqüentemente, global.

A comunidade religiosa representa uma parte substancial do contingente de voluntários dos Estados Unidos. De acordo com um estudo de 1996, *Doações e Trabalhos Voluntários nos EUA [Giving and Volunteering in the United States]*, baseado em um levantamento de âmbito nacional, 55 por cento dos membros das congregações religiosas trabalham como voluntários. Somente 30 por cento das

peças que não possuem ligação com igrejas participam em algum tipo de atividade similar. A correlação é ainda mais reveladora considerando o fato de que quase 60 por cento das pessoas que estiveram envolvidas com alguma organização religiosa durante a juventude participaram de algum trabalho, ao passo que aproximadamente 37 por cento das pessoas sem atividade religiosa optaram por oferecer seus serviços.

Em 1996, a Fundação McKnight [McKnight Foundation], uma organização patrocinadora privada, baseada em Minneapolis, lançou uma iniciativa que envolvia os membros de várias religiões - cristãos, judeus e muçulmanos, chamada Congregações na Comunidade [Congregations in Community] (CIC). A premissa é que os grupos baseados na fé são fontes de grandes números de voluntários em potencial, que são motivados para ajudar e têm inspiração para agir, em conformidade com as Escrituras. A CIC tem planos de conseguir 7.000 voluntários nas duas cidades (Minneapolis e St. Paul) até 1999 em uma iniciativa para fortalecer as famílias e os bairros. Seus parceiros nesse esforço incluem o Conselho das Igrejas da Grande Minneapolis [Greater Minneapolis Council of Churches], os Centros Islâmicos Masjid An-Nur de Minneapolis e St. Paul [Masjid An-Nur Islamic Centers of Minneapolis and St. Paul], o Conselho das Igrejas da Área de St. Paul [St. Paul Area Council of Churches], a Fundação de Liderança TURN [TURN Leadership Foundation] (uma organização local cristã que desenvolve líderes além das linhas raciais e culturais) e o Conselho Judeu de Relações Comunitárias de Minnesota e das Dakotas [Jewish



Community Relations Council of Minnesota and the Dakotas].

Em 1997, a CIC patrocinou uma conferência inter-religiosa chamada Comunidades da Fé na Prestação de Serviços: Respostas à Reforma da Previdência [Faith Communities in Service: Responses to Welfare Reform]. Na reunião, um líder religioso da Basílica de Santa Maria [Basilica of St. Mary] apresentou o Programa de Jeremias [Jeremiah Program] – uma colaboração entre empresas, congregações, instituições de ensino, órgãos governamentais e organizações populares, que promove a auto-suficiência para mães e crianças. Inspirado nos ensinamentos do profeta Jeremias, na Bíblia, “Trabalhe pelo bem-estar da cidade,” o Programa de Jeremias ajuda os pais de baixa renda a complementar sua educação e a conseguir a independência econômica. Ele também proporciona acesso a habitação de baixo custo, atendimento às crianças, assistência médica, serviços de apoio, e empregos úteis. Como um representante da mesquita de Masjid An-Nur enfatizou para os participantes da conferência, “quando alguém vem à nossa porta ou à nossa congregação e diz, “Preciso de ajuda,” temos que ser muito, muito criativos nas maneiras de descobrir o que podemos fazer. Precisamos nos considerar como pessoas que farão uma diferença.”

Historicamente, a comunidade religiosa nos Estados Unidos tem sido útil nos movimentos sociais em prol dos direitos civis, dos direitos da criança e da paz. Hoje, esses movimentos estão tomando novos rumos, mais abrangentes. Por exemplo, a Promessa da América [America's Promise] – a organização que surgiu a partir da Cúpula dos Presidentes Para o Futuro da América [Presidents' Summit for America's Future], evento histórico realizado em Filadélfia em 1997 – tem como objetivo proporcionar cinco recursos aos jovens da nação: um início saudável, mestres, habilidade úteis no mercado de trabalho, lugares seguros e oportunidades para servir. Todas essas coisas proporcionam às congregações uma abertura para o envolvimento.

A União das Congregações Para o Desenvolvimento dos Jovens [Uniting Congregations for Youth Development], um projeto desenvolvido pelo Instituto de Busca [Search Institute] – uma entidade de pesquisa, sem fins lucrativos, dedicada ao desenvolvimento e ao bem-estar dos jovens – é um modelo de serviço. Ela tem como objetivo a construção dos ativos das congregações, para que elas, por sua vez, possam desenvolver ativos de que os jovens, nas comunidades religiosas e seculares, precisam, para que possam ser bem sucedidos. Outro modelo incorpora as oportunidades de

aprendizado por conta própria que permitem que os jovens e adultos aprendam através das suas atividades comunitárias. Os participantes têm a oportunidade de pensar, discutir, e demonstrar o que aprenderam através das suas experiências de trabalho voluntário.

O trabalho voluntário baseado na fé assume muitas formas. Externamente, fora da igreja, sinagoga ou mesquita, ele pode incluir “trabalho prático” de revitalização de habitação ou comunidade, programas de alimentação, ajuda em situações de calamidade pública, aulas particulares, atendimento às crianças, orientação ou treinamento profissionalizante. Dentro da comunidade religiosa, as atividades de trabalho voluntário variam desde a manutenção predial, instrução religiosa e preparação para feriados religiosos até a recepção de novos membros, o desenvolvimento e a liderança em programas para jovens, a assistência aos membros que estão fracos ou idosos, e visitas aos doentes. Além disso, quase sem exceção, as posições de liderança leiga em congregações e organizações religiosas são voluntárias.

Freqüentemente, as congregações se unem a grupos de outros setores da comunidade – que podem ou não ser religiosos, conforme o caso – para formar parcerias de base mais ampla. O Programa de Jeremias acima descrito é um exemplo desse acordo entre múltiplos. A prova mais convincente de que uma verdadeira parceria foi estabelecida é quando todas as partes se elevam acima dos seus objetivos organizacionais distintos para alcançar uma visão coletiva, baseada em valores compartilhados. Um exemplo disso pode ser a enorme quantidade de campanhas para a arrecadação de recursos “em espécie” que são iniciadas – campanhas de livros e material escolar, doações de itens de higiene pessoal para os residentes em abrigos, projetos de bancos de alimentos e programas do tipo “adote um quarto” para as instituições que abrigam crianças em épocas de crise.

Por mais de um quarto de século, um conjunto diversificado e vibrante de organizações inter-religiosas têm unido os judeus, protestantes e católicos de Minnesota, servindo aos necessitados do estado, independente da sua religião. Os muçulmanos estão se envolvendo cada vez mais nesses grupos. Da prestação de serviços, diretamente, à defesa de idéias, da captação de recursos a projetos educacionais, um verdadeiro supermercado de opções de prestação de serviços está em funcionamento para atrair o interesse dos voluntários, em resposta às necessidades do famintos, dos sem-teto, e de outros que possam estar em situação de desvantagem.

O que está acontecendo em Minnesota acontece

também em outros lugares, de várias formas. No entanto, aqui estão alguns breves exemplos dos tipos de organizações que estão prosperando na área de Minneapolis-St. Paul, envolvendo um grande número de pessoas todos os anos:

□ Metro Paint-A-Thon. [Maratona da Pintura] Desde 1984, durante um fim de semana em agosto, todos os anos, milhares de voluntários são mobilizados para raspar, aplicar produtos de proteção, e pintar casas de idosos de baixa renda e de pessoas portadoras de deficiências. Os voluntários cristãos, normalmente, trabalham aos sábados, e os voluntários judeus participam no domingo – o que dá a cada grupo a oportunidade de observar o seu próprio Sabbath. No segundo fim de semana de agosto de 1998, 8.000 voluntários de 72 congregações, 91 empresas e 39 associações cívicas pintaram aproximadamente 250 residências. As empresas doaram todo o material – milhares de litros de tinta, pincéis, escadas e outros materiais.

□ Metropolitan Interfaith Council on Affordable Housing (MICAH). [Conselho Metropolitano Inter-Religioso Para Habitação de Baixo Custo] Essa organização regional de defesa de idéias, educação e prestação de serviços, que reúne mais de 100 congregações e grupos católicos, judeus e protestantes, trabalha para assegurar habitação decente, segura, e de baixo custo em toda a área de Minneapolis e St. Paul. O MICAH, formou, recentemente, uma Rede de Abrigo Familiar [Family Shelter Network] que proporciona mais de 3.500 leitos/noite de abrigo, e criou o Programa de Apoio às Famílias Sem-Teto [Homeless Family Support Program] que oferece ajuda sob a forma de aluguel, para as famílias sem teto.

□ Minnesota FoodShare. [Compartilhando Alimentos em Minnesota] Formado por católicos, protestantes e judeus em 1982, esse grupo assegura que todos os cidadãos do estado tenham uma quantidade saudável de alimentos nutritivos. Em 1998, os 250 depósitos locais de alimentos que compõem a rede do FoodShare, distribuíram mais de 12 milhões de toneladas de alimentos para mais de 3.000 alunos em sete escolas primárias, para demonstrar como um bom café da manhã todos os dias pode prover a energia vital para que os alunos consigam tirar boas notas.

□ Nechama (trata-se de uma palavra em hebreu que significa “conforto”). Esta é a criação de um voluntário judeu que foi de Minneapolis a Des Moines, Iowa, em 1993, para auxiliar com o fornecimento de alimentos. A organização mobilizou

aproximadamente 400 voluntários judeus e cristãos durante as inundações, tornados e fortes tempestades que, em 1997 e 1998, causaram grandes danos na região norte do meio-oeste dos Estados Unidos. Os voluntários da Nechama viajaram mais de 1.600 km em dezenas de missões (levantamento de barreiras com sacos de areia, por exemplo) para ajudar as famílias e as comunidades a se defender e a proteger suas propriedades contra desastres iminentes, e a se recuperar de catástrofes naturais. Além disso, a Nechama arrecadou mais de US\$50,000 para reconstruir uma sinagoga na cidade de Grand Forks, Dakota do Norte, devastada por uma inundação, e para auxiliar em outros esforços de ajuda após a inundação na região. A Nechama é um projeto do Conselho Judeu de Relações Com a Comunidade de Minneapolis e St. Paul [Twin Cities' Jewish Community Relations Council], e funciona em estreita colaboração com a Cruz Vermelha Americana e o Exército da Salvação.

□ Joint Religious Legislative Coalition. [Coalizão Religiosa e Legislativa Conjunta] Desde 1971, a JRLC tem tornado possível às comunidades judias, católicas e protestantes, ter uma voz no que diz respeito à legislação sobre justiça social junto à Assembléia Legislativa de Minnesota [Minnesota State Legislature]. Em questões que variam desde crimes de ódio até a pena de morte, de serviços prestados a imigrantes até a reforma do financiamento de campanhas políticas, a JRLC tem estado nas linhas de frente nas áreas de pesquisa, ativismo popular e defesa de idéias. De acordo com o procedimento operacional do grupo, todos os três patrocinadores precisam concordar a respeito de qualquer posição a ser tomada sobre qualquer legislação proposta. Se qualquer uma das religiões não estiver de acordo, a JRLC não tratará da questão. Depois de 27 sessões legislativas e uma série de questões potencialmente sujeitas a controvérsias, nenhuma religião fez valer a sua autoridade de veto. (Em 1996, a JRLC concedeu o status de observador à seção de Minnesota do Conselho Muçulmano dos Estados Unidos [American Muslim Council].)

Há muitas histórias não contadas de voluntários de comunidades religiosas que agem pelo bem comum. Tudo isso se origina simplesmente da tradição, da crença e da prática. A abrangência e a escala dessas atividades são incomensuráveis. Basta dizer que, diariamente, as pessoas que têm fé agem de acordo com as suas crenças individualmente e coletivamente para fazer com que o país e o mundo seja um lugar melhor para viver e para criar uma nova geração de cidadãos. ■

---

*Paula Beugen é diretora da Avodah B'Yachad - Service Together (Servindo Juntos), uma componente das Congregations in Community, uma iniciativa de ação inter-religiosa patrocinada pela McKnight Foundation. Jay Tcath é diretor executivo do Conselho Judeu de Relações Comunitárias de Minnesota e das Dakotas [Jewish Community Relations Council of Minnesota and the Dakotas].*

---

# O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CENA GLOBAL

SUSAN J. ELLIS

**A**o nos aproximarmos do fim do século, vemos muitas indicações de que o trabalho voluntário está se expandindo no mundo inteiro. A cada ano, a Associação de Administração de Voluntários [Association for Volunteer Administration] e a Fundação Pontos de Luz [Points of Light Foundation] acompanham o crescimento do número de participantes internacionais em conferências. Recentemente, a Associação Internacional de Trabalho Voluntário [International Association for Volunteer Effort] realizou o seu evento bienal, a Conferência Mundial de Voluntários [World Volunteer Conference], em Edmonton, no Canadá, e atraiu 2.700 líderes voluntários de 92 países.

O trabalho voluntário não é um fenômeno exclusivamente americano. É verdade que os Estados Unidos têm um setor de trabalho voluntário com mais estrutura e impacto do que os de outros países. Mas todos os países desenvolveram maneiras pelas quais as pessoas podem se ajudar mutuamente. Aprendendo o que os outros países fazem por meio de ação voluntária, podemos avaliar nossas próprias crenças e ter novas idéias. Certamente, nós, nos Estados Unidos, fizemos muito progresso no desenvolvimento da profissão que cuida do trabalho com os voluntários – treinamento, publicações, associações profissionais – e devemos compartilhar essas informações. No entanto, além disso, existe a questão do que podemos aprender uns com os outros.

Ao longo do tempo, tenho visto alguns exemplos interessantes de atividade voluntária em outros países. Por exemplo:

□ No Japão, os encarregados da liberdade condicional passam tempo coordenando voluntários que, por sua vez, são as pessoas que, de fato trabalham com os condenados.

□ Os voluntários cuidam de alguns dos maiores cemitérios do Equador.

□ Em Israel, os voluntários trabalham com as forças armadas para oferecer assistência às famílias que perdem entes queridos em conflitos armados.

□ Na Espanha, os voluntários prestam serviços médicos nas prisões.

Líderes de voluntários no mundo inteiro estão fazendo esforços conscientes para se contatar mutuamente. Os números cada vez maiores de conferências e publicações no campo de trabalho voluntário refletem essa perspectiva mais ampla, e ocasionalmente resultam em novos contatos. A Organização das Nações Unidas declarou o ano 2001 o “Ano Internacional do Voluntário.”

A Internet nos deu o mundo em um teclado, e o seu impacto sobre o trabalho voluntário tem sido significativo. Nós apenas começamos a explorar as possibilidades de comunicação. Por exemplo, dois participantes gregos da recente conferência de Edmonton se informaram a respeito do evento através do website da minha própria empresa, [www.energizeinc.com](http://www.energizeinc.com), que eles acharam enquanto passeavam tranqüilamente pela “net”. O poder da Internet é tão grande que, sem nenhum custo adicional – só um pouco de tempo e atenção – informações “passivas” como o anúncio da conferência no meu site podem adquirir vida própria. Por que uma pessoa da Suécia não pode ir à Inglaterra para um seminário? Por que alguém de Boston não voaria a Chicago para uma conferência significativa? Mesmo eventos de caráter local ou regional podem atrair uma atenção inesperada.

O potencial não tem limite. Na verdade, muitas causas nas quais os voluntários estão envolvidos não possuem limites geográficos – como é o caso da luta contra a AIDS. As questões ambientais afetam o planeta inteiro. A fome requer soluções internacionais. Em todas as campanhas para enfrentar esses problemas, os voluntários sempre são cidadãos comuns – não estando sujeitos a restrições associadas às leis, aos tratados, à diplomacia, e nem à burocracia. Os indivíduos interessados podem simplesmente pegar os seus passaportes e atravessar todos os tipos de fronteiras geográficas e psicológicas. E graças à Internet, tais contatos diretos entre as pessoas deverão se tornar mais freqüentes. ■

---

# VOZES *dos* VOLUNTÁRIOS

**P**oucas pessoas podem descrever o impacto do trabalho voluntário com melhor percepção do que os próprios voluntários. Aqui está uma seleção de algumas das “vozes” de todos os Estados Unidos, que refletem essa experiência.

*Para mim, o trabalho voluntário é uma maneira de construir a comunidade. Frequentemente, o mundo parece ser grande demais, os problemas parecem ser pesados demais, para que uma pessoa faça alguma diferença. Como voluntária no movimento Twin Cities Habitat for Humanity, eu vi o que uma única pessoa pode fazer. E o melhor de tudo isso é que conseguimos fazer uma diferença não para estranhos sem rosto, mas famílias – famílias que conhecemos e com as quais trabalhamos lado a lado.*

\* Joan Palmquist, Minneapolis, Minnesota

*É uma prioridade para a igreja que o ministério voluntário deve ser aberto a todos os que praticam a religião na Basílica. Tentamos estruturar o ministério voluntário de modo a dar aos paroquianos uma verdadeira sensação de propriedade. A igreja é mais do que teologia, liturgia, tijolos e argamassa. Em*

*última análise, a igreja é formada pelas pessoas. E à medida que as pessoas vão se envolvendo, todos nós ficamos mais fortes.*

\* Lisa Shaughnessy, diretora do ministério voluntário, Basílica de Santa Maria [Basilica of St. Mary], Minneapolis, Minnesota

*Depois de trabalhar para o governo federal dos Estados Unidos durante quase 40 anos, eu me aposentei em 1994. No dia seguinte, voltei a trabalhar para o NRCS como voluntária. Praticamente todos os dias alguém – parente, empregado, ou amigo – me pergunta, “Por que você está fazendo isso?” Minha resposta é que ...[é]...porque eu gosto do trabalho. Eu gosto das pessoas com as quais trabalho. Eu acredito no que estou fazendo, e acho que estou fazendo uma diferença. Além disso, depois de ser uma funcionária pública por muitos anos, agora estou dando alguma coisa em retribuição.*

\* June J. Hogg, coordenadora regional de voluntários, NRCS, Richmond, Virginia

*Eu sempre trabalhei com coisas tão pequenas que você precisa de um microscópio para vê-las. Eu queria construir alguma coisa que você pudesse ver a um quarteirão de distância.*

\* Burt Keel, que antigamente trabalhava como engenheiro de micro-chips, e que agora trabalha como voluntário na organização Twin Cities Habitat for Humanity, em Minneapolis, Minnesota.

Os indivíduos que se seguem oferecem, como

voluntários, seu tempo e seus talentos, através das empresas em que trabalham:

*Freqüentemente as pessoas me perguntam, o que você ganha com o trabalho voluntário? Eu digo a eles que não é o que eu ganho, mas no que eu me transformo. Eu estou transformado. Vi essa transformação não apenas em mim, mas muitas e muitas vezes, nas vidas de outras pessoas que trabalham como voluntários e dão alguma coisa às suas comunidades, em retribuição. O trabalho voluntário enriquece e fortalece famílias. Existe melhor maneira de unir a sua família do que fazer, com ela, um trabalho voluntário, em conjunto, em alguma atividade comunitária? Além disso, eu aprendi tanta coisa por estar envolvida. Eu me tornei mais organizada e eficiente e aprendi a formar uma equipe.*

\* Susan Kohn, banqueira, Bank of America, Reading, California, e Voluntária do Ano "Team America", de 1997 "Team America Volunteer of the Year" 1997.

*Muitos empregados me dizem que estão felizes por trabalharem para uma empresa que apóia com tanto entusiasmo o programa empresarial de voluntários. Eu, freqüentemente, fico muito feliz de ver a energia e o comprometimento dos nossos voluntários, e as respostas que obtemos das pessoas cujas vidas tocamos – um sorriso de uma pessoa idosa que teria se sentido solitária sem nós, ou de um atleta das Olimpíadas Especiais [uma competição para os deficientes físicos ou mentais] tão feliz por estarmos presentes.*

\* Carol Reiser, diretora de relações com a comunidade, Rich's/Lazarus/Goldsmith's, Federated Department Stores, Inc., [uma loja de departamentos] Cincinnati, Ohio

*Gosto de me envolver em espetáculos que envolvem a comunidade. Quanto mais pudermos ensinar às crianças e à comunidade em geral a apreciar a arte, melhor será para as nossas comunidades. Não quero trabalhar para uma empresa que não acha que tem a obrigação de fazer da minha comunidade um lugar melhor para viver.*

\* Alexa Beutler, gerente de recursos humanos, Time Warner Cable, Nebraska Division

*Como uma pessoa envolvida com tecnologia, acho o trabalho voluntário imensamente compensador. Estou trabalhando com o meu distrito escolar local para desenvolver um plano de ação para integrar tecnologia no currículo diário. Devido ao meu trabalho, orientando os professores, nossos filhos, ao saírem da escola, terão uma base adequada a respeito do que está se tornando uma tecnologia mais complexa e poderosa.*

\* Steve Cropper, diretor-gerente, SITE-Infrastructure Projects, Charles Schwab and Co., Inc.

*No ano passado, organizamos o "Dia da Ajuda". Quinhentos empregados e suas famílias se reuniram para embalar alimentos e brinquedos. É realmente gratificante ver os nossos filhos adquirirem uma experiência prática de dar alguma coisa, em retribuição, aos menos afortunados. Das pessoas que receberam esses alimentos, 30 por cento são idosos que precisam escolher entre gastar o pouco que ganham em comida, aluguel, ou remédios. Organizando uma das maiores campanhas empresariais de arrecadação de alimentos nos Estados Unidos, estamos fazendo a nossa parte para que essas escolhas difíceis não sejam mais necessárias.*

\* Donna Hayden, supervisora, Applied Materials' Worldwide Manufacturing Operations Logistics, Santa Clara, California. ■

---

# BIBLIOGRAFIA

SE VOCÊ QUISER SABER MAIS SOBRE... O TRABALHO VOLUNTÁRIO NOS ESTADOS UNIDOS

## LIVROS E DOCUMENTOS SELECIONADOS

Brudney, Jeffrey L. *Fostering Volunteer Programs in the Public Sector: Planning, Initiating, and Managing Voluntary Activities*. San Francisco: Jossey-Bass, 1990.

Campbell, Katherine Noyes and Ellis, Susan J. *The (Help!) I-Don't-Have-Enough-Time Guide to Volunteer Management*. Philadelphia: Energize, 1995.

Coles, Robert. *The Call of Service: A Witness to Idealism*. Boston: Houghton Mifflin, 1993.

Council on Foundations. *Measuring the Value of Corporate Citizenship*. Washington: Council on Foundations, 1996.

Ellis, Susan J. *From the Top Down: The Executive Role in Volunteer Program Success*. rev. ed. Philadelphia: Energize, 1996.

Ellis, Susan J. *The Volunteer Recruitment Book*. 2nd ed. Philadelphia: Energize, 1996.

Ellis, Susan J. and Noyes, Katherine H. *By The People: A History of Americans as Volunteers*. rev. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 1990.

Fisher, James C. and Cole, Kathleen M. *Leadership and Management of Volunteer Programs: A Guide for Volunteer Administrators*. San Francisco: Jossey-Bass, 1993.

Forward, David C. *Heroes after Hours: Extraordinary Acts of Employee Volunteerism*. San Francisco: Jossey-Bass, 1994.

Independent Sector. *From Belief to Commitment: The Activities and Finances of Religious Congregations in the United States*. Washington: Independent Sector, 1993.

Independent Sector. *Giving and Volunteering in the United States*. Washington: Independent Sector, 1996.

Essa pesquisa, de âmbito nacional, é conduzida pelo Instituto de Pesquisa Gallup para o Independent Sector. A próxima publicação está prevista para 1999.

Independent Sector. *Giving and Volunteering in the United States, Volume II: Trends in Giving and Volunteering by Type of Charity*. Washington: Independent Sector, 1995.

Independent Sector. *Volunteering and Giving Among Teenagers 12 to 17 Years of Age*. Washington: Independent Sector, 1996.

Jacoby, Barbara and Associates. *Service-Learning in Higher Education: Concepts and Practices*. San Francisco: Jossey-Bass, 1996.

Kasich, John. *Courage Is Contagious: Ordinary People Doing Extraordinary Things to Change the Face of America*. New York: Doubleday, 1998. (Forthcoming)

O'Connell, Brian, ed. *America's Voluntary Spirit: A Book of Readings*. New York: Foundation Center, 1983.

O'Connell, Brian. *Voices From the Heart: In Celebration of America's Volunteers*. San Francisco: Jossey-Bass and Chronicle Books, 1998.

O'Connell, Brian and O'Connell, Ann Brown. *Volunteers in Action*. New York: Foundation Center, 1989.

Pidgeon, Walter P., Jr. *The Universal Benefits of Volunteering: A Practical Workbook for Nonprofit Organizations, Volunteers, and Corporations*. New York: Wiley, 1998.

Scheier, Ivan H. *Building Staff/Volunteer Relations*. Philadelphia: Energize, 1993.

Schine, Joan, ed. *Service Learning: Ninety-sixth Yearbook of the National Society for the Study of Education*. Chicago: National Society for the Study of Education, 1997.

Troy, Kay. *Corporate Volunteerism: How Families Make a Difference*. New York: Conference Board, 1997.

Wild, Cathleen. *Corporate Volunteer Programs: Benefits to Business*. New York: Conference Board, 1993.

Wuthnow, Robert. *Acts of Compassion: Caring for Others and Helping Ourselves*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1991.

Wuthnow, Robert, ed. *Between States and Markets: The Voluntary Sector in Comparative Perspective*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1991.

## RECURSOS SELECIONADOS NA INTERNET

*Por favor observe que o USIS não assume nenhuma responsabilidade pelo conteúdo e nem pela disponibilidade dos recursos da Internet abaixo relacionados.*

20 Ways for Teenagers to Help Other People by Volunteering  
(<http://www.bygpub.com/books/tg2rw/volunteer.htm>)  
Trata-se de um recurso on-line para o livro *The Teenager's Guide to the Real World*, by Marshall

Brain (Raleigh, NC: BYG Publications, 1997). O site descreve 20 oportunidades de trabalho voluntário para adolescentes, além de links com várias entidades sem fins lucrativos.

America Reads Challenge  
(<http://www.ed.gov/inits/americanreads/>)  
O Departamento de Educação dos Estados Unidos criou este site apoiando o desafio do presidente Clinton à nação, "para assegurar que cada criança possa ler bem e de forma independente ao chegar à terceira série da escola primária." O site inclui informações a respeito de oportunidades de treinamento, perguntas e respostas, legislação, a coalizão do presidente para o Desafio "América Lê" [President's Coalition for the America Reads Challenge], programas federais de trabalho e estudo, publicações e pesquisa.

America's Promise: The Alliance for Youth  
(<http://www.americaspromise.org/>)  
Fundada durante o evento "Presidents' Summit for America's Future", America's Promise, uma aliança de empresas, fundações e outras organizações dos setores privado e público, tem como objetivo criar acesso, para todas as crianças em situação de risco nos Estados Unidos, aos recursos necessários para que elas possam levar vidas felizes, saudáveis e produtivas.

Association for Volunteer Administration  
(<http://www.avaintl.org>)  
Uma organização de participação internacional cuja finalidade é "promover o profissionalismo e fortalecer a liderança no trabalho voluntário." Oferece um programa de credenciamento profissional, tem uma publicação trimestral, *The Journal of Volunteer Administration*, e patrocina conferências internacionais.

Boston College Center for Corporate Community Relations  
([http://www.bc.edu/bc\\_org/avp/csom/cccr/](http://www.bc.edu/bc_org/avp/csom/cccr/))  
Uma organização empresarial de participação internacional, que estabelece parcerias com empresas no mundo inteiro para fortalecer as relações com as comunidades e para estimular a manutenção de comunidades saudáveis,



sustentáveis, para os cidadãos, assim como para as empresas. O site inclui material de pesquisa para gerenciamento e desenvolvimento profissional, incluindo programas para a obtenção de certificados em relações da empresa com a comunidade. O terceiro “retrato [anual] das questões e tendências nas relações com as comunidade,” do Centro, ([http://www.bc.edu/bc\\_org/avp/csom/cccr/97CR\\_Index.html](http://www.bc.edu/bc_org/avp/csom/cccr/97CR_Index.html)) apresenta um estudo do crescimento da cidadania empresarial global.

COOL: Campus Outreach Opportunity League (<http://www.cool2serve.org/>)

Uma entidade sem fins lucrativos, de âmbito nacional, dedicada à educação e à atribuição de poder a estudantes universitários para fortalecer os Estados Unidos por meio da prestação de serviços à comunidade. A COOL mobiliza e estabelece comunicações entre estudantes de todas as origens, para aumentar a participação nas comunidades, e estimula a responsabilidade cívica e social de que se necessita para construir uma sociedade justa.

Campus Compact (<http://www.compact.org/>)

Uma coalizão de presidentes de instituições de ensino superior, que tem como objetivo tornar a prestação de serviços um elemento central da educação em nível de graduação, integrado com o estudo acadêmico e difundido em todas as áreas das instituições dirigidas por esses presidentes.

“Community Service” (*Education Week* issues page) (<http://www.edweek.org/context/topics/civics.htm>) Community Service “combina a prestação de serviços comunitários obrigatórios com atividades relacionadas em sala de aula” para promover o aprendizado dos elementos básicos sobre a democracia e a liderança. Essa página inclui um glossário, links, e artigos relevantes de Education Week e outras publicações.



Compact for Learning and Citizenship (<http://www.az.com/~pickeral/LearnCitizen.html>) Sediado na Comissão de Educação dos Estados [Education Commission of the States], o Pacto Para o Aprendizado e a Cidadania [Compact for Learning and Citizenship] é uma organização de secretários de educação dos estados e superintendentes distritais. A organização tem como objetivo “proporcionar a liderança educacional necessária para integrar o aprendizado da prestação de serviços à comunidade ao programa de estudo de todos os jovens matriculados nas escolas, da pré-escola até a última série da escola secundária.”

Congregations in Community - McKnight Foundation (<http://www.mckfdn.org/cic.htm>)

Uma iniciativa da McKnight Foundation sob a forma de um esforço inter-religiões para recrutar e treinar voluntários para prestar assistência às pessoas de baixa renda. Seus objetivos são: estender o alcance das organizações religiosas para atender às crianças e famílias, e reunir pessoas de religiões diferentes para que, juntas, elas possam tratar de problemas comuns das comunidades.

CyberVPM (Cyberspace Volunteer Program Manager) (<http://www.cybervpm.com>)

Este proporciona uma visão geral dos voluntários e do gerenciamento do trabalho voluntário. O CyberVPM.com “Resources for Volunteer Program Managers” “serve como um ponto de partida para informações e instruções sobre o gerenciamento de programas de trabalho voluntário.” Este “livro da web” inclui artigos e links sobre questões que variam desde o desenvolvimento de programas de trabalho voluntário até o recrutamento, seleção, treinamento, e reconhecimento de voluntários, até questões legais, além de outros itens. Este site também contém uma livreria on-line, conjuntos de treinamento, e um vibrante grupo de discussão.

Energize, Inc. (<http://www.energizeinc.com>)

Uma variedade de recursos aparece nesse site, incluindo uma biblioteca de artigos e bibliografia (<http://www.energizeinc.com/art/biblio.html>) sobre o gerenciamento do trabalho voluntário, uma livreria

---

on-line, citações e histórias sobre o trabalho voluntário, tópicos interessantes, uma programação de conferências, um banco de empregos e outros itens. Esse site também relaciona as associações de administração de trabalho voluntário em nível local, de estado, e de província.

Habitat for Humanity International  
(<http://www.habitat.org/>)

A organização Habitat for Humanity já construiu mais de 65.000 casas em parceria com pessoas necessitadas no mundo inteiro. Essa página responderá às suas perguntas sobre como se envolver, onde as casas são construídas e como o programa funciona. Relatórios que descrevem o progresso do Habitat se encontram disponíveis para cada país no qual o Habitat está operando.

IdeaList  
(<http://www.idealists.org>)

Esse site da Ação Sem Fronteiras [Action Without Borders] relaciona 14.000 entidades sem fins lucrativos de 125 países. Cada item apresenta informações sobre os seus serviços, oportunidades para voluntários, empregos disponíveis, estágios, eventos a serem realizados proximamente, e publicações. A lista permite a execução de buscas, e o site apresenta muitos links.

Impact Online Virtual Volunteering Project  
(<http://www.impactonline.org/vv>)  
Este projeto de “trabalho voluntário virtual” foi criado pela entidade sem fins lucrativos Impact Online(<http://www.impactonline.org/>), que é um “serviço de combinação” para os voluntários e para as organizações que precisam deles. O projeto procura atividades de trabalho voluntário que podem ser executadas à distância, pela Internet. O site na web inclui algumas normas práticas, recursos e exemplos de atividades dignas de nota.

Independent Sector (IS)  
(<http://www.indepsec.org/>)

O IS se descreve como um “fórum nacional de liderança, que trabalha para encorajar a filantropia, o trabalho voluntário, a iniciativa sem fins lucrativos e a ação dos cidadãos.” Publica muitos estudos extremamente úteis, conjuntos de ferramentas e documentos sobre relações governamentais, liderança, gerenciamento e pesquisa no campo das entidades sem fins lucrativos.

International Association for Voluntary Effort (IAVE)  
(<http://www.unv.org/projects/iyv2001/iave.html>)  
Criada em 1970 por um pequeno grupo de mulheres no mundo inteiro “que têm uma visão comum de como os voluntários podem contribuir para a solução dos problemas humanos e sociais.” Com um conselho de administração de 19 países, a organização continua a promover e apoiar o trabalho voluntário eficaz internacionalmente por meio das suas conferências, centros de voluntários, serviços prestados aos membros, e programas de treinamento nas áreas de educação, conscientização do público e envolvimento dos jovens.

International Year of Volunteers, 2001  
(<http://www.unv.org/projects/iyv2001/index.html>)  
Durante a 52ª Sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas, no dia 20 de novembro de 1997, foi aprovada uma proposta para que o ano 2001 fosse proclamado o Ano Internacional dos Voluntários. Atualizações contínuas sobre o IYV 2001 podem ser acessadas por meio dessa página.

Internet Nonprofit Center  
(<http://www.nonprofits.org/>)  
Proporciona informações a respeito de entidades sem fins lucrativos, práticas sensatas para se fazer doações, e outras questões do interesse de voluntários e doadores. Uma bibliografia de livros sobre o trabalho voluntário [Bibliography of Books on Volunteerism]  
(<http://www.nonprofits.org/library/bib3.html>)  
também se encontra disponível.

Internet Sites for the Nonprofit Sector

(<http://www.usia.gov/journals/itdhr/0198/ijde/websites.htm>)

Essa lista foi preparada pela equipe de Democracia e Direitos Humanos da Agência de Informações dos Estados Unidos, para a revista eletrônica: “O Setor das Entidades Sem Fins Lucrativos: Parceiro na Sociedade Civil” [The Nonprofit Sector: Partner in Civil Society] – Questões de Democracia [Issues of Democracy], Janeiro de 1998.

#### Kids Can Make a Difference (KIDS)

(<http://www.kids.maine.org>)

O KIDS é um programa educacional para alunos na faixa etária equivalente aos últimos anos da escola primária e da escola secundária, que dedica a sua atenção “às principais raízes da fome e da pobreza, as pessoas que são mais afetadas, soluções, e como os alunos podem ajudar.” A página na Web oferece acesso a um guia para professores, um teste sobre a fome, uma circular do KIDS, e outros itens.

#### Literature of the Nonprofit Sector Online

(<http://fdncenter.org/lnps/>)

Do Foundation Center (<http://fdncenter.org>), esta importante bibliografia é atualizada a intervalos regulares e contém citações a materiais coletados pelas cinco bibliotecas do Centro, além de literatura selecionada de outras fontes. A lista de novas aquisições sobre trabalho voluntário se encontra disponível no seguinte endereço:

(<http://fdncenter.org/onlib/biblio/voluntar.html>).

#### National Service-Learning Clearinghouse

(<http://www.nicsl.coled.umn.edu/>)

Este centro de distribuição, mantido pela Learn & Serve America, colhe e distribui informações para a área de aprendizado de prestação de serviços. Alguns dos recursos disponíveis são bancos de dados – nos quais podem ser efetuadas buscas – de Contatos, Eventos, uma ListServ, Literatura e Informações Sobre Programas., bibliografias, monografias, circulares e vídeos; publicações à

venda; e grande quantidade de links referentes ao aprendizado da prestação de serviços.

#### National Service-Learning in Teacher Education Partnership

(<http://www.az.com/~pickeral/partnership.html>)

Inclui bibliografias de recursos de aprendizado de prestação de serviços e treinamento de professores. Há uma “listserve” disponível para integrar o aprendizado de prestação de serviços à preparação de professores.

#### Nonprofit Gateway

<http://www.nonprofit.gov/>

Links com informações sobre subvenções governamentais, orçamentos, oportunidades para voluntários e parcerias com órgãos governamentais.

#### Points of Light Foundation

(<http://www.pointsoflight.org/>)

Em conjunto com a Corporation for National Service, a Points of Light Foundation co-patrocinou a Cúpula dos Presidentes Para o Futuro da América [Presidents' Summit for America's Future]. Dedicada à promoção do trabalho voluntário, essa entidade sem fins lucrativos desenvolveu alguns programas e iniciativas de treinamento e desenvolvimento contínuo, como: Connect America (<http://www.pointsoflight.org/connectamerica/connectamerica.html>), Prudential Youth Leadership Institute, JC Penney Golden Rule Awards Program, os prêmios Daily Points of Light e o “National Volunteer Week”, que é um evento anual. Observe a seção a respeito das iniciativas de trabalho voluntário das empresas.

([http://www.pointsoflight.org/assistance/assistance\\_corporate.html](http://www.pointsoflight.org/assistance/assistance_corporate.html)).

#### Presidents' Summit for America's Future

(<http://www.whitehouse.gov/WH/New/Summit/index.html>): inclui FAQ e discursos

Nos dias 27 a 29 de abril de 1997, no Independence Hall em Filadélfia, o presidente Clinton e o presidente Bush realizaram a primeira Cúpula dos Presidentes Para o Futuro da América [Presidents' Summit for America's Future]. O objetivo do evento, assim como do AmeriCorps, era “mobilizar o poder dos cidadãos americanos em um esforço unido para

---

resolver os nossos problemas comuns – especialmente os problemas que ameaçam os jovens,” Entre os participantes havia líderes de grandes empresas e organizações de prestação de serviços, assim como todos os ex-presidentes vivos. Procure, nesse site, as transcrições dos discursos e as FAQ a respeito do evento. Para informações posteriores, veja: America's Promise: The Alliance for Youth (<http://www.americaspromise.org/>).

#### SERVEnet

(<http://servenet.org/>)

Patrocinado pela Youth Service America

(<http://www.servenet.org/content/ysa/ysainfo/>), uma organização dedicada à prestação de serviços à comunidade e ao país. Inclui lista de organizações afiliadas e um serviço chamado "Volunteer Now!" [Apresente-se Como Voluntário Agora!] que combina as habilidades dos voluntários com as entidades sem fins lucrativos que precisam dessas habilidades.

#### Volunteers of America

(<http://www.voa.org>)

Fundada em 1896, a Volunteers of America é “uma das entidades sem fins lucrativos de serviços humanos mais antigas, maiores, e mais abrangentes do país.” Essa entidade presta assistência às crianças que sofrem abusos, às famílias e aos indivíduos sem-teto, aos idosos, aos jovens em

situação de risco, às pessoas portadoras de deficiências e aos ex-presidiários que estão retornando à sociedade. O seu papel de defesa de idéias nas políticas públicas é desempenhado através das suas afiliadas e publicações de alcance nacional, incluindo *Spirit Magazine* e *The Gazette*.

#### The Visionaries

(<http://www.horizonmedia.com/visionaries.html>)

Cada episódio desta série da PBS “realça a diferença positiva que os indivíduos estão fazendo nas vidas de outras pessoas por meio do trabalho essencial das entidades sem fins lucrativos.” Esse site contém resumos dos episódios das três primeiras temporadas. ■

# SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 3

REVISTA ELETRÔNICA DA AGÊNCIA DE INFORMAÇÕES DOS EUA

NÚMERO 2

*Os*  
**ESTADOS UNIDOS:  
UMA  
~  
NAÇÃO DE  
VOLUNTÁRIOS**



SERVIÇOS PRESTADOS AO PAÍS

GOVERNO

COMUNIDADE EMPRESARIAL DOS EUA

ÁREA DE EDUCAÇÃO

COMUNIDADE RELIGIOSA

— SEPTEMBER 1998 —